



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

ANTONIA NICELLY PIRES MARQUES

TECENDO OS FIOS DAS MEMÓRIAS DAS RESIDÊNCIAS UNIVERSITÁRIAS DA
UFC

FORTALEZA
2009

ANTONIA NICELLY PIRES MARQUES

TECENDO OS FIOS DAS MEMÓRIAS DAS RESIDÊNCIAS UNIVERSITÁRIAS DA
UFC

Monografia apresentada ao Departamento de
Ciência da Informação da Universidade
Federal do Ceará, como requisito parcial para
obtenção do grau de Bacharel em
Biblioteconomia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lídia Eugênia
Cavalcante.

FORTALEZA
2009

M357t

Marques, Antonia Nicelly Pires.

Tecendo os fios das memórias das Residências
Universitárias da UFC / Antonia Nicelly Pires
Marques. – Fortaleza, 2009.

82 f. ; il. color. enc.

Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de
Biblioteconomia) – Universidade Federal do Ceará.
Fortaleza-CE, 2009.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Lídia Eugênia
Cavalcante.

1. Estudantes. 2. Habitações. 3. Estudantes
Universitários. 4. Fortaleza (Ce). I. Autor. II. Título.

CDD 378.198710981310904

ANTONIA NICELLY PIRES MARQUES

TECENDO OS FIOS DAS MEMÓRIAS DAS RESIDÊNCIAS UNIVERSITÁRIAS DA
UFC

Monografia apresentada ao Departamento de
Ciência da Informação da Universidade
Federal do Ceará, como requisito parcial para
obtenção do grau de Bacharel em
Biblioteconomia.

Aprovada em ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr^a. Lídia Eugenia Cavalcante (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará-UFC

Prof. Dr. Luiz Tadeu Feitosa
Universidade Federal do Ceará-UFC

Prof. Dr^a. Fátima Maria Alencar Araripe Bezerra
Universidade Federal do Ceará-UFC

Dedico este trabalho a todas as pessoas que já moraram, moram e àqueles que ainda irão morar em Residências Universitárias. A esses bravos guerreiros que passaram por muitos desafios, superaram obstáculos, ignoraram desestímulos e continuam percorrendo um caminho rumo ao conhecimento em meio às adversidades e conquistas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelo dom da vida, por me acompanhar em todos os momentos, pela realização de mais um sonho, pela força e sabedoria na conclusão deste curso. Quero agradecer também às pessoas maravilhosas que Ele colocou no meu caminho e que me ajudaram a vencer cada obstáculo, pois sozinha eu não conseguiria.

Agradeço a toda minha família, a minha mãe e ao meu pai que sempre se esforçaram para dar a mim e aos meus irmãos boa educação. Ao meu irmão Itamar que sempre me incentivou a lutar pelos meus sonhos e apostou na minha formação me dando muito apoio. Aos meus irmãos Lindo, Nivea e Neto, pela força, pelo carinho e por acreditarem em mim. E aos demais que compõem essa família que eu tanto amo, o meu muito obrigada.

Obrigada, também, ao meu namorado Ednaldo pelo apoio, paciência e serenidade por ser antes de tudo um companheiro para todas as horas, um grande amigo.

Obrigada a todos que fazem o PRECE, em especial as pessoas que compõem a Escola Popular Cooperativa de Pentecoste, as quais me fizeram acreditar na realização deste sonho. Agradeço também aos meus amigos do PRECE que lutaram ao meu lado na caminhada rumo à Universidade, e a Sandrinha que sempre torceu por mim e que, mesmo longe, nunca deixou de ser minha melhor amiga.

Aos meus tios Clotilde e Etevaldo, e minha prima Cláudia por terem me recebido em sua casa com todo carinho, durante a época em que eu estudava para fazer o vestibular, sou muito grata pelo carinho de vocês.

À minha orientadora, a professora Lídia Eugênia Cavalcante, por ter aceitado me nortear neste trabalho tão importante para mim, por ter acreditado na minha ideia, pela paciência e pela dedicação e empenho ao me orientar.

A todos os entrevistados que, com muita boa vontade e gentileza, se dispuseram a falar um pouco das suas vivências, contribuindo significativamente para a realização deste trabalho. Em especial, à professora Virgínia Bentes Pinto, professora do curso de Biblioteconomia, que me apoiou na escolha do tema e concordou em falar um pouco de sua vida, colaborando assim para a realização da minha pesquisa.

À dona Raimundinha, uma das entrevistadas, que muito carinhosamente abriu as portas de sua casa para me receber e cedeu algumas fotos do seu arquivo pessoal, as quais foram importantíssimas para realização do trabalho.

Ao professor Tadeu e à professora Fátima Araripe por aceitarem participar da banca examinadora na defesa desta monografia.

Aos meus professores da Biblioteconomia que também são responsáveis por esta conquista, e aos colegas da turma de 2005.2 que caminharam comigo até aqui.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho, o meu muito obrigada.

“A história oral é necessariamente um instrumento de mudança; isto depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história.”

Paul Thompson

RESUMO

Apresenta a história das Residências Universitárias da Universidade Federal do Ceará, utilizando para isso entrevistas e depoimentos de ex e atuais moradores das referidas repúblicas. Faz menção ao movimento estudantil das décadas de 60, 70 e 80 e mostra a importância deste movimento para a política do país, além de abordar a contribuição do Movimento Estudantil para criação das Residências Universitárias da UFC. Pretende-se, com este estudo, divulgar a história das REUs para a sociedade acadêmica, em especial para os estudantes residentes universitários, a fim de que os mesmos, inspirados pelo espírito revolucionário de outros, se organizem mais na luta por seus direitos. Fundamenta-se nos estudos de teóricos que discorrem acerca de memória histórica, coletiva e individual, buscando entender o conceito de memória e sua aplicabilidade na pesquisa sobre as REUs, para assim recontar lembranças. Para tanto, utiliza o método de história oral para a realização da pesquisa, das entrevistas e como instrumento de coleta de dados. Outra técnica usada foi a observação. A pesquisa como um todo se divide em quatro capítulos: o primeiro aborda a memória e a história oral como fator de transformação social. No segundo, faz-se um resgate histórico das Residências Universitárias da UFC. O terceiro mostra as REUs e os movimentos de estudante e de residentes na atualidade. O último capítulo apresenta as memórias dos residentes, suas lembranças através das entrevistas e depoimentos realizados. Conclui-se com a análise das falas de ex e atuais moradores, enfocando como é valiosa a luta coletiva, seus anseios e conquistas. Aborda ainda a importância da luta do movimento estudantil de outrora e o de hoje para a melhoria da assistência estudantil em nossa universidade.

Palavras-chave: Residências Universitárias. Memória. História Oral. Movimento Estudantil.

ABSTRACT

This dissertation shows the history of the University Dormitories (UDs) in the Federal University of Ceará; interviews with ex and present residents in the aforementioned dormitories were used for the final outcome of this research. This work mentions the 60's, 70's and 80's Student Movement and it shows the importance of that movement to the politics of the country. In addition, it deals with the contributions of the Student Movement to the creation of the University Dormitories in the Federal University of Ceará. This work intends to spread the history of the UD throughout academicians, especially throughout the UD residents, so that, inspired by the revolutionary attitude of the early UD residents, they can organize themselves into groups in order to fight for their rights. This project is based upon the theoretical studies which discuss individual and collective historical memory in order to clarify the concept of memory and its applicability in the research on the UD, so that memories can be retold. For that, the oral history method has been used as a data collection instrument and for the realization of the research and of the interviews. The observation has been another adopted technique. The whole research can be divided into four chapters: the first one deals with the memory and oral history as a social transformation factor; in the second one, there is the remembrance of the UD in the Federal University of Ceará; the third shows the UD and the students and present residents movements; the last chapter shows the UD residents' memories through the interviews obtained. Based on the data obtained, it can be said that the collective fight for rights is relevantly valuable, and so are the members of social movements' dreams and accomplishments. The importance of the student movement throughout history to student assistance in our university is also focused in this work.

Key words: University Dormitories. Memory. Oral History. Student Movement.

LISTAS DE FOTOS

FOTO 1: Protesto contra a ditadura militar.....	25
FOTO 2: Estudantes em concentração na Cinelândia, no Rio de Janeiro.....	25
FOTO 3: Estudantes fazem protesto contra a ditadura militar, em 17/10/1968.....	26
FOTO 4: Estudantes carregam caixão com o corpo de Edson Luís Lima Souto.....	27
FOTO 5: Greve geral dos estudantes da UFC.....	28
FOTO 6: Greve geral dos estudantes da UFC.....	28
FOTO 7: Passeata dos cem mil.....	29
FOTO 8: Os caras pintadas.....	32
FOTO 9: As primeiras moradoras da REU feminina 2216 em 1963.....	38
FOTO 10: Evento em comemoração ao dia do estudante na REU feminina 2216.....	38
FOTO 11: Evento em comemoração ao dia do estudante na REU feminina 2216.....	38
FOTO 12: Inauguração da REU feminina Júlia Pinto em 1964.....	39
FOTO 13: Inauguração da REU feminina Júlia Pinto em 1964.....	39
FOTO 14: Lavagem ética no prédio da Reitoria da UnB.....	47
FOTO 15: Ato público no Encontro de Casas de Estudante em Natal-RN.....	58
FOTO 16: Ato público no Encontro de Casas de Estudante em Natal-RN.....	58

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANDES: Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior

APML: Ação Popular Marxista-Leninista

ARENA: Aliança Nacional Renovadora

BANDECE: Banco de Desenvolvimento do Ceará

CAEN: Centro de Aperfeiçoamento de Economia do Nordeste

CA: Centro Acadêmico

CENIMAR: Centro de Informação da Marinha

CEU: Clube de Estudantes Universitários

COREU: Conselho de Residentes Universitários

DAE: Divisão de Assistência Estudantil

DCE: Diretório Central dos Estudantes

DOPS: Departamento de Ordem Política e Social

ENNECE: Encontro Norte/Nordeste de Casas de Estudantes

MDB: Movimento Democrático Brasileiro

ME: Movimento Estudantil

PCdoB: Partido Comunista do Brasil

PRAE: Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis

PRECE: Programa de Educação em Células Cooperativas

PSOL: Partido Socialismo e Liberdade

PSTU: Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado

PT: Partido dos Trabalhadores

REU(s): Residência(s) Universitária(s)

REUNI: Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

SUDENE: Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

UBES: União Brasileira de Estudantes Secundaristas

UDN: União Democrática Nacional

UECE: Universidade Estadual do Ceará

UFC: Universidade Federal do Ceará

UnB: Universidade de Brasília

UNE: União Nacional dos Estudantes

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 OS FIOS QUE TECEM A MEMÓRIA.....	15
2.1 MEMÓRIA COLETIVA E MEMÓRIA INDIVIDUAL.....	18
2.2 MEMÓRIA HISTÓRICA E HISTÓRIA ORAL.....	21
2.3 MEMÓRIA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL NO BRASIL.....	25
3 AS RESIDÊNCIAS UNIVERSITÁRIAS DA UFC.....	34
3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO COM O MOMENTO POLÍTICO.....	34
3.2 PERCURSOS HISTÓRICOS DAS REUS DA UFC.....	36
4 AS RESIDÊNCIAS UNIVERSITÁRIAS DA UFC NA ATUALIDADE.....	44
4.1 O NOVO MOVIMENTO ESTUDANTIL E DE RESIDENTES NO CEARÁ....	46
4.2 ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL, UM DIREITO.....	49
4.3 O CONVÍVIO ENTRE OS MORADORES DAS RÉUS.....	51
4.4 RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO: DE PALCO DE LUTAS A PONTO DE ENCONTRO ENTRE ESTUDANTES.....	56
4.5 A PRAE, O DCE E O COREU.....	57
5 AS REUS NA VISÃO DE SEUS MORADORES: PASSADO E PRESENTE.....	60
4.1 RESIDENTES UNIVERSITÁRIOS E SUAS LEMBRANÇAS.....	60
5.1.1 Virgínia Bentes Pinto – Moradora da REU 2216 de 1975 a 1979.....	60
5.1.2 Adelaide Gonçalves – Moradora da REU 2216 de 1978 a 1980.....	64
5.1.3 Clenoir da Silva dos Santos – Morador da REU 2133 de 2000 a 2006.....	67
5.1.4 Ednaldo Pereira Firmiano – Morador da REU 2133 de 2004 a 2010.....	68
5.1.5 Lúcia de F. de Sousa Gomes – Moradora da REU 2216 de 2004 a 2009.....	70
5.1.6 Shirlene da Silva Castro – Moradora da REU Júlia Pinto desde 2008.....	70
5 CONCLUSÃO.....	73
REFERÊNCIAS.....	76
APÊNDICE.....	80

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa apresentada teve como objetivo reconstituir a história das residências universitárias da Universidade Federal do Ceará - UFC, recontando fatos importantes, acontecimentos e vivências de ex e atuais moradores. Os ex-residentes entrevistados foram convidados a rememorar momentos que ficaram guardados por vasto período de tempo em suas memórias; os atuais residentes, fizeram reflexões acerca do Programa de Moradia Universitária da UFC. Contextualizar cada momento, fazendo um paralelo à atual situação das referidas repúblicas, fazer referências com o movimento estudantil de anos atrás com o atual e fomentar discussões que favoreçam a melhoria da assistência estudantil em nossa universidade foram preocupações constantes ao longo deste estudo. No decorrer do trabalho pode-se notar o movimento dialético feito entre os capítulos, de modo que, ao passo que fazemos a leitura automaticamente, nos remetemos ao capítulo anterior, às diferenças cronológicas do antigo para o novo.

Foi feita uma contextualização das residências, desde o seu surgimento, até os dias atuais, levando em consideração a importância dessas moradias para muitos universitários que necessitam desse benefício.

Considerando a importância citada e o pouco reconhecimento que é dado a esses espaços, haja vista que são raros os documentos escritos existentes sobre o assunto em questão, foi que nasceu o interesse em pesquisar sobre as moradias universitárias da UFC.

Outro fator de bastante relevância para esta pesquisa diz respeito à questão da memória, como forma de preservar o passado, de conservar a nossa história e as nossas lembranças. E muito mais do que isso, é também uma forma de conhecermos melhor a nossa universidade e a história dos movimentos estudantis, utilizando-se das lembranças de ex moradores, explicando assim, o papel social deste estudo.

Para Bosi (1994, p. 55), lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje as experiências do passado.

A partir desta reflexão podemos dizer que a memória é mais do que ficar recordando o passado, ter lembranças evocadas através de fotografias, narrativas, através de objetos pessoais dos que estão ausentes, evidenciando relações, pois, pela memória podemos ir muito mais além. Repensar o passado pode ser uma estratégia para resolvermos problemas pertinentes aos dias atuais, por meio de experiências passadas que se assemelham com problemas parecidos. Portanto, a memória é nesse ponto de vista dialética, pois não é algo

estático, fixo, parado, que não possa mudar; muito pelo contrario, ela é dinâmica e traz em si a ideia de agir, fazer.

O motivo pelo qual me levou a pesquisar sobre este tema foi meu interesse pela memória. Desde o primeiro semestre do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, na disciplina de História dos Registros do Conhecimento, ministrada pela professora Dr^a Lídia Eugênia Cavalcante, a memória histórica vem me fascinando e, durante todo o curso, o interesse só aumentou. A partir daquele momento, eu decidi fazer a monografia nesta área. Aliás, eu sempre gostei muito de história, daí meu interesse em estudar memória.

Outro ponto que é importante relevar é o fato de ser, eu mesma, residente universitária, ou seja, por estar totalmente envolvida com essa questão, reconheço a importância das residências, e, além disso, as histórias que ouço sobre as REUs, das pessoas que vêm visitar a residência depois 30, 40 anos sempre tão emocionadas, trazem os filhos para mostrar-lhes o local onde viveram um período de suas vidas. Tudo isso sempre me chamou bastante a atenção, causando-me curiosidade em entender melhor esse processo, afinal, como argumenta Alberti (2007, p. 18):

[...] História oral é um método de pesquisa que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. [...] trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas etc., à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou as testemunharam.

A metodologia que norteou a pesquisa foi o método de História Oral, como citado acima. Este método privilegia o contato direto com pessoas que vivenciaram os fatos pesquisados. Além disso, proporciona ao pesquisador utilizar também o método da observação, em que é levado em consideração a expressão do entrevistado, entre outros indícios. A entrevista seguiu um roteiro de perguntas abertas com aspecto de conversação.

Outra característica deste trabalho é estudar o passado através de documentos, a fim de descrever e compreender usos, costumes, tendências e diferenças. Assim sendo, utilizou-se deste argumento para fazer um levantamento bibliográfico, consulta a arquivos (atas de reuniões, registros) dessas instituições (REUs, PRAE, COREU).

A pesquisa divide-se em quatro capítulos. O primeiro aborda a memória e a história oral como instrumentos de transformação social. A mesma fundamenta-se nos estudos de

teóricos como Maurice Halbwachs, Ecléa Bosi, Paul Thompson, dentre outros estudiosos da memória social. Ainda, no mesmo capítulo faz-se uma reconstituição histórica da atuação do Movimento Estudantil no Brasil e no Ceará, desde o seu surgimento, por volta nos 1930 até a década de 1990.

No segundo capítulo aborda-se a história das Residências Universitárias de fato, recontando os principais acontecimentos desde a criação das mesmas, através de documentos antigos, e por meio de entrevistas de residentes.

O terceiro capítulo mostra como está a real situação da REUs hoje. Descreve também como é a atuação do movimento de estudantes e de residentes, suas aspirações, conquistas e lutas.

O último capítulo apresenta as memórias de ex e atuais moradores universitários, suas vivências e recordações do tempo em que moraram na REU.

E assim começa a história. Espero ser “fiel” ao que foi relatado. Contudo, devo ressaltar que muitas histórias em relação às REUs não foram registradas neste trabalho, por falta de arquivos ou mesmo de pessoas que pudessem contar tais fatos. Mas foi feito com muito carinho, preocupando-me tão somente em ser fiel à história e à questão da preservação da memória para que atuais e futuros residentes, e a quem mais possa interessar, conhecer e entender as lutas, conquistas, a fim de que lhes cause o mesmo sentimento vivido por antigos moradores, que lutavam com garra por seus direitos no tempo em que o movimento estudantil tinha realmente força e os estudantes faziam valer a sua cidadania.

2 OS FIOS QUE TECEM A MEMÓRIA

Desde os primórdios o homem vem deixando por onde passa vestígios da sua existência na Terra. Em nossos dias, essa preocupação em deixar herança histórica para os nossos descendentes ainda persiste muito fortemente. Isto graças a um desejo natural que o ser humano tem de ser lembrado, de ser recordado, de permanecer de alguma forma vivo na mente das pessoas.

Assim vive a humanidade com o desejo de tornar-se, mesmo que para poucas pessoas e por certo tempo, “eternamente” lembrada. Para Thompson (1992, p.21), de modo especial, a história da família pode dar ao indivíduo um forte sentimento de uma duração muito maior de vida pessoal, que pode até mesmo ir além de sua própria morte.

Ainda sobre o desejo humano em se perpetuar, podemos retornar as palavras de Marilena Chauí, comentando os poderes da deusa Mnemosyne. Diz a autora que essa deusa dava aos poetas e adivinhos o poder de voltar ao passado e de lembrá-lo para a coletividade. Tinha o poder de conferir imortalidade aos mortais, pois quando o artista ou o historiador registram em suas obras a fisionomia, os gestos, os atos, os feitos e palavras de um humano, este nunca será esquecido e, por isso, tornando-se memorável, não morrerá jamais. (CHAUÍ, 1999, p. 138)

Deste modo, guardamos lembranças de pessoas que amamos, de momentos que passaram e que não voltam mais, lembranças de um bom livro que lemos, de histórias inesquecíveis, que permanecem em nossa memória por anos a fio. Existem, assim, diversas formas de lembranças e também diversas maneiras de recordarmos o passado. Por conseguinte, cada pessoa tem o seu modo; há as que guardam músicas para trazer lembranças de uma pessoa amada, outras ao sentir o cheiro de um perfume são levadas de volta no tempo, há ainda as que guardam lugares onde viveram momentos importantes. Enfim, existe uma infinidade de fatores que nos reportam a momentos vividos, tais como: álbuns de fotografias, cartas, cartões de aniversário, músicas, filmes e a própria história que nos faz várias reconstituições de períodos vividos pela humanidade, datas e fatos históricos. Todos os nossos sentidos interagem com meio externo e nos remetem a momentos que ficaram guardados em nossa mente.

Mas, existem também momentos vividos que gostaríamos de esquecer, apagar da memória, e muitas pessoas vivem traumas profundos devido ao fato de não conseguirem esquecer e superar esses momentos difíceis da vida.

Segundo o dicionário da Língua Portuguesa *On line*, memória é “faculdade de conservar e reproduzir ideias, imagens ou conhecimentos anteriormente adquiridos; a lembrança de qualquer coisa ou alguém; reminiscência; aptidão para recordar especialmente certas coisas”. Ou seja, a memória é a capacidade de registrar, armazenar e manipular informações entre o cérebro e o corpo ou todo o organismo e o mundo externo. Está intimamente relacionada com o aprendizado, uma vez que o aprendizado é a aquisição de conhecimento e a memória a reconstituição desses conhecimentos adquiridos. A memória é sempre uma construção feita no presente a partir de vivências/ experiências ocorridas no passado. Lembramos melhor as coisas que nos chamaram mais a atenção. Fatos menos relevantes são esquecidos facilmente e só nos vêm à mente se forem, de alguma forma, recordados.

Para compreendermos melhor o conceito de memória, Chauí (2003, p.138) cita o escritor francês Marcel Proust, que diz:

[...] A memória não é um simples lembrar, mas revela uma das formas fundamentais de nossa existência, que é a relação com o tempo, e, no tempo, com aquilo que está invisível, ausente e distante, isto é, o passado. A memória é o que confere ao passado como diferente do presente (mas fazendo ou podendo fazer parte dele) e do futuro (mas podendo permitir esperá-lo e compreendê-lo).

Assim, a memória não pode ser compreendida apenas como meras lembranças esquecidas no passado, ela é mais do que isto, pois, segundo a mesma autora, a memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais. É nossa primeira e mais fundamental experiência do tempo. Por esta razão devemos sempre conservar o que para muitos é considerado velho, antiquado, passado, pois é este passado que nos dá referência de vida, que nos dá identidade, que nos diz quem somos de verdade nos remetendo as nossas raízes, ao pó de onde viemos. Daí a importância de conservar o passado, para que possamos viver o presente com mais sabedoria e construir o futuro que desejamos.

O presente trabalho sobre a história das Residências Universitárias da UFC vem ao encontro da memória. Silenciosamente a história das REUs da UFC sobreviveu com poucos ou com quase nenhum registro que contassem a verdadeira trajetória dessas moradias. Apenas com alguns relatos que passam de moradores antigos para atuais e/ou de funcionários da Universidade para alunos. Ou seja, depoimentos de pessoas comuns que são tão relevantes para a história da UFC e que estavam perdendo-se, sobrevivendo apenas na memória de algumas pessoas. Esta história nos enche de orgulho e satisfação, mesmo sendo poucas as fontes acerca da luta dos estudantes para conseguir esse espaço que hoje muitos usufruem como um direito garantido a todos que dele precisem. Este trabalho vem reconstituir histórias de vida, lembranças esquecidas, muitas vezes guardadas com carinho, de um tempo que não volta mais. E este patrimônio imaterial não poderia perder-se no tempo com a perda das fontes vivas que temos.

Sendo assim, a melhor maneira de reconstituirmos essas lembranças é através da história oral que, conforme Thompson (1992, p. 44), é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas também dentre a maioria desconhecida do povo.

De acordo com Chauí (2003, p.142), é graças à memória que temos capacidade de lembrar e recordar. As lembranças podem ser trazidas tanto espontaneamente como por um trabalho deliberado de nossa consciência. Lembramos espontaneamente quando, por exemplo, nos vem à lembrança alguma situação passada. Recordamos quando fazemos o esforço para lembrar.

Conforme a mesma autora, durante o processo de memorização existem componentes objetivos e subjetivos: atividades físico-fisiológicas e químicas de gravação e registro cerebral das lembranças são os componentes objetivos. Os elementos subjetivos são: a importância do fato, o significado emocional ou afetivo, o modo como algo ficou memorizado, o prazer e a dor que é produzido em nós quando nos esforçamos para recordar algo.

Exemplificando um pouco mais, segundo Halbwachs (2006), a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado. Compreendemos então, que na memória guardamos o que tem maior significado para nós; não há memória sem esquecimento. Mas não se pode esquecer o que se desconhece. É condição básica do fato de lembrar, classificar,

combinar e destacar lembranças para exercer, assim, o direito de poder esquecer parte delas. Entretanto, para esquecer devemos conhecer. Se conhecermos, lembramos. Se lembrarmos, podemos esquecer, podemos exercer o direito da opção de esquecer.

Ainda conforme Halbwachs (2006), a memória, aparentemente mais particular, remete a um grupo. O indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições. É no contexto destas relações que construímos as nossas lembranças. A rememoração individual se faz na tessitura das memórias dos diferentes grupos com que nos relacionamos. Ela está impregnada das memórias dos que nos cercam, de maneira que ainda que não estejamos em presença deles, o nosso lembrar e as maneiras como percebemos e vemos o que nos cerca se constituem a partir desse emaranhado de experiências, que percebemos qual uma amálgama, uma unidade que parece ser só nossa.

Segundo Halbwachs (2006), temos a capacidade de recordar fatos passados, porém quando estamos em grupo a rememoração torna-se mais precisa. E por mais que estejamos sós, sempre carregamos em nós, na nossa lembrança fatos que envolvam outras pessoas, afinal vivemos em coletividade.

Portanto, devemos ter a memória como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes, como a dialética. Sob esta perspectiva, a memória coletiva e a história oral nortearam a realização desta pesquisa, já que este estudo envolve pessoas que conviveram no mesmo espaço, no mesmo grupo social, criando entre si laços de amizade, histórias de vida em comum. Utilizaremos, assim, seus depoimentos para adentrarmos nestas memórias.

2.1 MEMÓRIA COLETIVA E MEMÓRIA INDIVIDUAL

Este trabalho tem como objeto de estudo a história das Residências Universitárias. Esta é composta por um conjunto de pessoas que vivem em interação. Através de suas lembranças, abordamos as memórias pessoais como também, coletivas, que é quando várias pessoas vivenciam momentos de suas vidas, tanto individualmente, como em grupo, fazendo confrontações entre estas duas formas de memória. Dessa forma:

[...] se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossas lembranças, mas também sobre as dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias. (HALBWACHS, 1990, p. 25)

Compreende-se que, quando vivenciamos uma experiência sozinho, a memória é somente nossa, mas quando vivenciamos com as outras pessoas é como se fosse uma segurança a mais, no momento de recordar tal fato. E mesmo quando vivenciamos um acontecimento em que estamos sós, mesmo assim, nunca estamos sós, pois em pensamento estamos em constante diálogo com tudo o que conhecemos e com o que diz respeito ao que estamos vivendo no momento.

A memória individual pode ser até confundida com a memória coletiva, ou apoiar-se nela para evocar lembranças. Esta envolve as memórias individuais, mas não se confunde com aquela.

Conforme Halbwachs (1990, p. 54), “a memória individual não está inteiramente isolada e fechada. Para um homem evocar seu próprio passado, necessita frequentemente fazer apelos às lembranças dos outros”. É como se a nossa existência não tivesse sentido se o outro não existisse. “Carrego comigo uma bagagem de lembranças históricas, que posso ampliar pela conversação ou pela leitura. Mas é uma memória emprestada e que não é minha. No pensamento nacional, esses acontecimentos deixaram um traço profundo [...]”. No quadro em que são guardados as nossas lembranças mais pessoais, nesse passado vivido, bem mais do que o passado apreendido pela história escrita será sobre o qual mais tarde poderemos apoiar nossa memória.

Segundo o Halbwachs (2006), é nesse sentido que a história escrita se distingue da história vivida: esta tem tudo o que é preciso para construir um quadro vivo e natural em que um pensamento pode se apoiar, para conservar e reencontrar a imagem de seu passado. A memória apóia-se sobre o “passado vivido”, que permite a constituição de uma narrativa sobre o passado do sujeito de forma viva e natural, mais do que sobre o “passado apreendido pela história escrita.” (HALBWACHS, 1990, p.71).

Para Halbwachs (2006, p. 75), a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada, por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada.

Ou seja, a lembrança é em outras palavras, a reconstrução, os recortes de fatos vividos, acompanhados de outras reconstruções feitas em épocas anteriores, porém já bem modificados.

Para nos reportarmos ao passado, podemos relembrar uma comunidade afetiva da qual fizemos ou somos parte. Dessa forma as lembranças fluirão mais facilmente, pois, de acordo com Halbwachs (1990), não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se deter a uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se pense a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como nos outros, porque elas passam intensamente destes para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade.

A questão central na obra de Maurice Halbwachs consiste na afirmação de que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. A origem de várias ideias, reflexões, sentimentos, paixões que atribuímos a nós são, na verdade, inspiradas pelo grupo. A disposição de Halbwachs acerca da memória individual refere-se à existência de uma “intuição sensível”. “[...] Haveria então, na base de toda lembrança, o chamado a um estado de consciência puramente individual que - para distingui-lo das percepções onde entram elementos do pensamento social - admitiremos que se chame intuição sensível.” (HALBWACHS, 1990, p. 41).

Ele ainda ressalta que acontecem muitas vezes conosco situações em que estamos tão envolvidos com nossos grupos, a ponto de já não sabermos diferenciar as nossas vivências das do grupo. Como se elas não tivessem sua origem em parte alguma senão em nós, ideias e reflexões, ou sentimentos e paixões, que nos foram inspirados por nosso grupo. “Já tínhamos pensado nisso: nós não percebemos, não somos se não um eco”. (HALBWACHS, 1990, p. 41).

Diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali o eu ocupa, e que este lugar muda segundo as relações que se mantém com os outros meios. Por isso, quando várias pessoas passam pela mesma situação, cada uma delas vive isso de maneira diferente, mas quando tentamos explicar essa adversidade voltamos sempre à conclusão de influência de natureza social.

Pode acontecer também o esquecimento pelo desapego de um grupo, quando tentamos recordar um fato e não conseguimos. Por exemplo, trazem-nos algumas provas exatas de que tal acontecimento produziu-se, que ali estivemos presentes, que dele participamos ativamente. Entretanto, essa cena nos parece estranha, como se outra pessoa estivesse em nosso lugar. Não nos lembramos absolutamente de nada.

Segundo, Halbwachs (1990), da mesma forma, dentro desse conjunto de depoimentos exteriores a nós, é preciso trazer como que uma semente de rememoração, para que ela se transforme em massa consistente de lembranças. Mas, se mesmo assim não conseguimos trazer à memória lembranças desses acontecimentos e nos sentimos inteiramente incapazes de reconstituir em nossa mente qualquer parte, então as pessoas poderão até reconstruir um quadro vivo dela, mas isso não será jamais uma lembrança pessoal.

Assim acontece com algumas pessoas que moram nas REUs. Elas criam laços tão fortes entre si, que no momento em que estão vivenciando esta amizade parece que durará eternamente e que nada mudará o que sentem. Mas ao saírem da casa e seguirem rumos diferentes acontece o desapego do grupo, e percebem que não é como pensaram e já não se sentem mais parte daquele grupo que outrora significava muito. Com o distanciamento e com o passar do tempo tudo na memória vai ficando mais vago, e só fica guardado o que realmente marcou.

2.2 MEMÓRIA HISTÓRICA E HISTÓRIA ORAL

O ritmo frenético das pessoas e as mudanças permanentes na cidade são frutos da cultura capitalista, em que não se pode perder tempo. Nessa concepção em que o ter sobrepõe-se ao ser, o ser humano tem dificuldade de reter os acontecimentos na memória. Tudo passa muito rápido, de tal forma que as pessoas não valorizam mais as pequenas coisas da vida.

O cérebro, então, passa a registrar tudo rapidamente, processando como uma máquina, um computador capaz de armazenar milhões de informações. O que acontece é que experiências vividas acabam caindo no vazio, não se tem o que lembrar, pois não se viveu, foi rápido demais.

Os mais idosos, que tiveram a oportunidade de viver relações duradouras, experimentam outra lógica, aquela da emoção e costumam lembrar com mais facilidade o passado:

[...] Uma lembrança é um diamante bruto a ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localidade, ele seria uma imagem fugidia. O sentimento precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reparação [...]. Mas o ancião não sonha quando rememora: desempenha uma função para o qual está maduro, a religiosa função de unir começo e fim, de tranquilizar as águas envoltas do presente, alargando as suas margens. (BOSI, 1986, p. 81).

Desta forma, podemos compreender que o ato singelo de relembrar ou recordar está intrinsecamente ligado à emoção, a sentimentos, pois é uma ação que mexe com a vida das pessoas.

A memória é de extrema importância para a sociedade em que vivemos. Hoje mais que em tempos passados, tudo passa muito rápido devido ao grande avanço da tecnologia e a outros fatores que contribuem para o afastamento das pessoas e para o desaparecimento de costumes antigos. É neste contexto que a memória entra com o papel de conservar vivo o modo de viver de um grupo, etc., pois é através das lembranças que é resgatada a cultura de um povo, com o fim de preservar patrimônios materiais e imateriais, os quais serão referências para o futuro. Esses patrimônios devem ser conservados para garantir às gerações futuras condições de desenvolvimento de seus horizontes morais, intelectuais e tecnológicos, com pleno acesso ao que foi acumulado pelos que os antecederam.

A memória histórica que se deve construir não é um mero repositório de datas e nomes, mas um conjunto de conhecimentos, representações e imagens que formam um saber com sentido e com instrumentos operatórios para se poder refletir. Nos nossos dias, temos que ter a consciência que a memória histórica tem que abranger todas as culturas e partir das realidades próximas, locais e nacionais, com as quais nos identificamos, para a compreensão da diversidade humana e das diferenças dessas culturas.

A biblioteca é o ambiente onde todas as culturas são, de alguma forma, contempladas e onde podemos escolher o que ler. Entende-se por biblioteca um ambiente que está em constante crescimento, onde guardamos livros, documentos históricos, todo tipo de registros que estejam guardados em diversos formatos, como CDs, DVDs, dentre outros, ou seja, um ambiente onde registramos os conhecimentos adquiridos pela humanidade. Na biblioteca

buscamos soluções para as nossas dúvidas, entretenimento através da leitura de bons livros, conhecimento para o nosso crescimento intelectual. Neste ambiente tão rico em conhecimento é onde armazenamos tudo que o homem produziu e conseguiu deixar registrado, sendo assim um lugar de memórias. Desta forma, Le goff (1972, p. 461) diz que:

[...] A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para estar interposta quer nos outros quer nas bibliotecas. Isto significa que, antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações na nossa memória.

Muitos costumes e manifestos culturais se perdem no tempo, pois não foram registrados em algum suporte. São os chamados patrimônios imateriais, para entendermos segue a citação:

[...] Em abril de 2006, o governo brasileiro ratificou por meio do Decreto nº 5.753 a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, que assim define patrimônio cultural imaterial: “[...] as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Esse patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e de continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana”. (IPHAN, 2006, p. 15).

Assim, o papel da história oral torna-se de suma importância para o registro desses conhecimentos intangíveis como, por exemplo, o saber popular, as histórias de tranco passadas de pai para filhos, os costumes de toda uma geração, dentre outros. Esses tipos de conhecimentos imateriais precisam ser registrados de alguma forma, pois são muito importantes para que possamos conhecer e entender melhor o nosso povo, as nossas raízes, a nossa diversidade cultural e para não deixarmos que isso se perca no tempo.

Desse modo, conforme Thompson (1992, p. 20), toda história depende, basicamente, de sua finalidade social; ou seja, a história deve ser contada, registrada e esta deve ter o seu papel na sociedade e seu valor para todos sem discriminação. E a história oral tem esta característica, pois é feita através de relatos de pessoas comuns, simples, mas que têm sua importância para a história de uma comunidade:

[...] Em todos esses campos da história; [...] reconhecendo grupos importantes de pessoas que haviam estado ignoradas, dá-se início a um processo cumulativo de transformações. Amplia-se e se enriquece o próprio campo de ação da produção histórica; e, ao mesmo tempo, sua mensagem social se modifica. Para ser claro, a história se torna mais democrática. (THOMPSON, 1992, p. 28).

Ainda segundo o mesmo autor, a relação entre a história e a comunidade não deve ter mão única em qualquer dos dois sentidos: antes, porém, ser uma série de trocas, uma dialética entre informação e interpretação, entre educadores e suas localidades, entre classes e gerações. (THOMPSON, 1992, p. 44).

Assim sendo, compreendemos que a história oral é mais democrática, porque mostra a história como ela realmente aconteceu, ou apresenta outros fatos que ficaram perdidos no anonimato, registrados apenas nas mentes de algumas pessoas, não menos importantes que grandes vultos da história tradicional.

Este método poderá ser ainda um poderoso instrumento de mudanças, de transformação, uma maneira de repensar o presente através da história oral. Pois, conforme Thompson (1992, p. 22):

[...] A história oral é necessariamente um instrumento de mudança; isto depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. [...] pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história [...], pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.

O presente trabalho se utilizou do método de história oral para a realização da pesquisa. A base deste estudo se firma em depoimentos de pessoas que vivenciaram acontecimentos relacionados às REUs. Isso se deu pelo fato de existirem poucos ou quase nenhum registro acerca do objeto de estudo. Assim, foram feitas reminiscências pessoais, ou seja, evidências orais específicas das experiências de vida dos informantes.

2.3 MEMÓRIA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL NO BRASIL

Os estudantes tiveram uma participação muito importante na política do nosso país e continuam contribuindo para isso. Eles lutaram contra a ditadura militar, participaram da campanha “O Petróleo é Nosso” e das manifestações pelas “Diretas Já”. Foram às ruas com suas caras pintadas, pedindo o impeachment do presidente Fernando Collor. A história do Brasil não seria a mesma se não fosse a atuação dos estudantes.

O movimento estudantil é um fato social da área da educação, no qual os sujeitos são os próprios estudantes. Caracteriza-se por ser um movimento policlassista e constantemente renovado, já que o corpo discente se renova periodicamente nas instituições de ensino. O ME é formado em sua grande maioria por universitários, mas também por alunos secundaristas. Vejamos uma breve reconstituição histórica do movimento estudantil no Brasil desde a época do seu surgimento até os dias atuais



Foto 1¹: Protesto contra a ditadura militar.

Foto 2: Estudantes em concentração na Cinelândia, no Rio de Janeiro.

De 1901 a 1930, no começo do Movimento Estudantil, é que se tem notícia da primeira organização de estudantes como movimento no país. Essa fase é marcada ainda por certa efemeridade. Um fato que vale ressaltar daquela época é a criação da Casa do Estudante do Brasil, visando a assistência social aos estudantes e à promoção de atividades culturais.

¹ Foto 1: Estudantes expressam em cartazes protesto contra a ditadura militar e a repressão policial, em setembro de 1966. Foto: Arquivo nacional/ Correio da Manhã.

Foto 2: Estudantes em concentração na Cinelândia, no Rio de Janeiro, preparam-se para seguir em passeata contra a ditadura militar, em 4 de julho de 1968. Foto: O Globo. Disponíveis no site: <http://www.mme.org.br/>.

De 1930 a 1945, a juventude brasileira vivenciava a Era Vargas. Esse período é marcado por uma maior organização dos estudantes. Em 1937, foi criada a União Nacional dos Estudantes (UNE). Na década de 40, eles vivem o grande marco na luta contra o nazi-fascismo. De 1945 a 1964, na fase de hegemonia socialista da UNE, a entidade liderou campanhas nacionais, como a campanha “O Petróleo é Nosso”. De 1950 a 1956, a UNE viveu sua fase direitista, comandada por um grupo ligado à União Democrática Nacional (UDN). Com a esquerda de novo no poder, em 1961, a UNE apóia a campanha a favor da posse de João Goulart.

De 1964 a 1974, o ME vive um período caracterizado pela luta contra a ditadura militar e pelo retorno às liberdades democráticas. É marcada por perseguições políticas e pela forte atuação do movimento estudantil em meio à repressão vivida na época, onde tudo era considerado ilegal. O movimento estudantil tornou-se a principal forma de oposição ao regime militar. Nesse período, chamado por alguns historiadores de anos de chumbo, os estudantes foram duramente perseguidos, vigiados, até mesmo dentro das universidades, nas ruas, etc., mas mesmo assim, eles não se intimidaram, fizeram manifestações em diversos estados do país reivindicando a volta das liberdades democráticas e o fim da censura, além da luta contra os atos de violência e repressão cometidos pelo governo. Em 1964 a sede da UNE é incendiada por participantes do movimento político militar.



Foto 3²: Estudantes fazem protesto contra a ditadura militar, em 17/10/1968.

² Foto 3: Estudantes fazem protesto contra a ditadura militar, na Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, em 17 de outubro de 1968. Foto: Arquivo Nacional / Correio da Manhã. Disponível no site: <http://www.mme.org.br/>.

Em março de 1966 acontece uma passeata em Belo Horizonte contra o regime militar, que foi brutalmente reprimida. A violência desencadeou passeatas estudantis em outros estados.

No ano de 1968 é que começaria de fato os anos de chumbo, pois os estudantes com um ideal revolucionário não se conformaram com o golpe militar e o confronto com policiais armados era cada vez mais frequente. Essa geração se julgava vanguarda de uma revolução socialista, usava codinomes e muitos partiram para a luta armada contra a ditadura.

Em 28 de março 1968 o estudante Edson Luís Lima Souto foi morto durante uma manifestação contra o fechamento do restaurante Calabuço. Posteriormente, cerca de 50 mil pessoas participam do cortejo fúnebre. Em seguida a UNE decreta greve geral dos estudantes.



Foto 4 ³: Estudantes carregam caixão com o corpo de Edson Luís Lima Souto.

Segundo o site Portal Vermelho do PCdoB, na cidade de Fortaleza, em repúdio à morte do secundarista carioca, ocorreu uma manifestação com cerca de cinco mil pessoas. Durante o protesto, estudantes depredaram o escritório da *United States Information Service* (USIS). Dois estudantes foram presos.

³ Estudantes carregam caixão com o corpo de Edson Luís Lima Souto, morto em confronto com a polícia militar em 28 de março de 1968, no Rio de Janeiro. Foto: Arquivo Nacional / Correio da Manhã. Disponível no site: <http://www.mme.org.br/>.

A resposta foi uma greve universitária que durou sete dias. Logo após a “passeata dos cem mil” no Rio de Janeiro, o povo de Fortaleza novamente foi às ruas e realizou uma manifestação com mais de 20 mil pessoas – o maior protesto contra a ditadura ocorrido no Estado.



Fotos 5 e 6⁴: Greve geral dos estudantes da UFC.

A passeata dos cem mil foi uma manifestação ocorrida na cidade do Rio de Janeiro no dia 26 de junho de 1968. Esta contou com a participação de cerca de cem mil pessoas que ocuparam as ruas do Centro do Rio de Janeiro e realizaram o mais importante protesto contra a ditadura militar até então. A manifestação, iniciada a partir de um ato político na Cinelândia, pretendia cobrar do governo uma postura frente aos problemas estudantis e, ao mesmo tempo, refletia descontentamento crescente da sociedade contra o governo. Dela participaram também intelectuais, artistas, religiosos e grande número de mães. Depois da morte do estudante Édson Luiz, muitas mães se revoltaram contra o governo, pois o ocorrido com aquele rapaz poderia acontecer com qualquer um, inclusive com os filhos deles.

⁴ Greve geral dos estudantes da UFC, nos cartazes frases como: *queremos parar para participar*. Fonte: Site MAUC. Disponíveis no site: <http://www.mauc.ufc.br/>.



Foto 7⁵: Passeata dos cem mil.

Roberto dos Santos, ex-estudante que participou do movimento estudantil em 1968, estava presente na manifestação, na qual mataram o estudante Edson Luiz. Em entrevista declara ser confortável saber que o que eles fizeram naquela época não foi em vão. Assim começa sua fala e continua relatando um pouco do que ele viveu durante a ditadura militar, algumas lembranças que foram rememoradas:

[...] Na época do ME eu era aluno do antigo ginásio chamado de secundarista e estudava curso livre na Escola de Belas Artes, no Centro do Rio de Janeiro, por isso almoçava sempre no Restaurante do Calabouço, onde tudo acontecia. Então comecei a participar das passeatas. Um dia estávamos na Av. Rio Branco, organizando uma passeata e recolhendo contribuições para o ME quando de repente surgiu a Polícia de todos os lados, haviam muitos próximos disfarçados e fomos presos. No grupo de jovens ao meu lado estava um dos líderes (vou tentar lembrar o nome) e eu vi um PM torcer o braço dele até quebrar. Aí eu estava no meio e fui jogado no camburão e levado para o DOPS, que era um inferno naquela época. Era no antigo prédio da Secretaria de Segurança, um prédio velho que ainda existe, por ironia do destino, às vezes, eu vou lá como advogado. Eu passei uma noite sendo interrogado, uma coisa que eu vi no filme B56 que também aconteceu comigo é que os policiais perguntavam se eu conhecia pessoas assim como nossos líderes da época e perguntavam por Marx... Engels e outros, como se eles fossem do movimento. Enfim os caras que interrogavam não sabiam nada de nada [...]. (SANTOS, 2009).

⁵ Estudantes reúnem intelectuais, artistas e religiosos em manifestação contra a ditadura militar que ficou conhecida como a Passeata dos Cem Mil, em 26 de junho de 1968, no Rio de Janeiro. Foto: O Globo. Disponível no site: <http://www.mme.org.br/>.

Em outubro de 1968 foi realizado clandestinamente o trigésimo Congresso da UNE em Ibiúna (SP). Foram presas quase 700 pessoas, entre elas as principais lideranças do movimento estudantil: Luís Travassos (presidente eleito), Vladimir Palmeira, José Dirceu, Franklin Martins e Jean Marc Von Der Weid. Segundo o site Memórias Reveladas em posse de documentos do Serviço de Inteligência do Departamento de Ordem Política e Social - DOPS de São Paulo, vinham obtendo informações desde a morte do estudante Edson Luiz, na cidade do Rio de Janeiro, de que os grupos de esquerda contavam com a adesão do ME e previam sua absorção em um movimento mais amplo e radical, chamado Movimento Proletário de Libertação. O DOPS descobriu que iria ser realizado o trigésimo Congresso da UNE e teria obtido, com antecedência, os principais itens do seu temário. Nos primeiros dias de outubro, já era conhecido o local escolhido para a realização do Congresso clandestino: Ibiúna, área metropolitana de Sorocaba/SP. De posse de todos os elementos de informações, cuidou-se da ação repressiva. O DOPS uniu-se à Força Pública, que, com o 7º Batalhão de Caçadores, no dia 12 de outubro de 1968 efetuou a prisão de 693 estudantes no local conhecido como Sítio Murundu, no município de Ibiúna. A repressão ao movimento estudantil gerou vítimas, cujas circunstâncias de morte ou desaparecimento até hoje permanecem sem esclarecimentos.

Uma dessas vítimas foi Marco Antônio Dias Baptista (1954-1970), paulista residente em Goiânia, era estudante secundarista e militante da Frente Revolucionária Estudantil. Foi dirigente da União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES) em 1968, sendo, no ano seguinte, preso por um dia. Em 1970, com apenas 15 anos de idade, desapareceu no interior de Goiás, sob circunstâncias não esclarecidas. É o mais jovem brasileiro desaparecido político do regime militar no país. (*Site Memórias Reveladas*, 2009).

Outra vítima, Honestino Monteiro Guimarães, era goiano de Itaberaí, nascido em 28 de março de 1947. Coursou geologia na Universidade de Brasília, até entrar para clandestinidade. Foi presidente da extinta Federação dos Estudantes da Universidade de Brasília (FEUB) sendo preso pela primeira vez em 1966. Em 29 de agosto de 1968, o campus da UnB foi invadido pela polícia, que realizou inúmeras detenções, entre elas a de Honestino. Entre 1969 e 1972 viveu em São Paulo, militando na APML e atuando como dirigente da UNE. Foi novamente preso no Rio de Janeiro, em 10 de outubro de 1973 pelo CENIMAR, e nessa ocasião integrava os quadros da Ação Popular Marxista-Leninista (APML). Seus familiares nunca mais o veriam. Seu nome consta da lista de desaparecidos políticos de que trata a Lei nº 9.140/95. Era casado e deixou uma filha. (*Site Memórias Reveladas*).

Como essas vítimas, muitas outras foram perseguidas, presas ou exiladas, outros perderam suas vidas defendendo o ideal de um Brasil mais justo, o que perfaz ao todo 140 desaparecidos políticos. Alguns, como retrata bem o filme “Batismo de sangue”, acabaram nunca se recuperando psicologicamente das torturas sofridas pelos policiais, como foi o caso de frei Tito, estudante cearense, que foi torturado, preso e exilado na França; longe de sua terra, não suportando mais os traumas sofridos pela ditadura, acaba escolhendo por tirar a própria vida.

Em 1970, com quase todas as lideranças presas ou exiladas, o movimento estudantil realiza atos isolados, dentre eles uma missa pelo segundo aniversário da morte de Edson Luís. E assim foi todo esse período, cheio de confrontos entre os estudantes e policiais. A repressão ao movimento estudantil gerou vítimas, cujas circunstâncias de morte ou desaparecimento até hoje permanecem sem esclarecimentos.

Em 1974, é criado o Comitê de Defesa dos Presos Políticos na Universidade de São Paulo (USP). Daquele ano a 1984, o movimento estudantil vivenciou a distensão política. Depois de um período de inatividade da UNE, em 1976, iniciou-se um movimento pela reconstrução da entidade. Favoreceu o contexto de "abertura lenta e gradual" iniciada pelo presidente Ernesto Geisel (1974-1979) e aprofundada por João Batista Figueiredo (1979-1985).

De 1984 aos dias atuais o movimento estudantil vive a democracia. Desde a segunda metade da década de 80, com a posse do primeiro presidente civil e com o retorno às liberdades democráticas no país, o movimento estudantil brasileiro foi lentamente recuperando seu lugar e sua importância na política nacional. O grande destaque desse período foi à campanha pelo impeachment do presidente Fernando Collor, marcada pelas grandes manifestações de rua lideradas pelos estudantes "caras-pintadas”.



Foto 8⁶: Os caras pintadas.

Conforme o escritor Nelson Campos, sob determinadas condições históricas as ações humanas são marcantes, mais significativas (CAMPOS, 2008, p.84). Foi o que aconteceu no Ceará a partir de 1968, quando líderes e liderados tinham o propósito de transformar sonho em realidade e mudar o mundo para melhor, livre do autoritarismo e das desigualdades sociais. Era o sonho de muitos jovens estudantes do Ceará. Para isso teriam que enfrentar cassetetes, porões de torturas e desaparecimentos dos seus companheiros.

Embalados pelos versos da música de Geraldo Vandré, *quem sabe faz a hora não espera acontecer*, os estudantes saíam às ruas do centro de Fortaleza em passeatas portando faixas, cartazes e gritando frases alusivas, protestando contra a Ditadura Militar. Dentre esses estudantes destacam-se os universitários da Universidade Federal do Ceará, da Universidade Estadual do Ceará e movimento de estudantes secundaristas, o qual era muito atuante.

É destaque dessa época a criação das residências universitárias que, atualmente, abrigam centenas de estudantes dos municípios do interior do Estado que não tem condições econômicas de fazer um curso na UFC sem se abrigarem nas mesmas.

Ao fazermos este passeio pela história recente do nosso país, não é difícil perceber quão grande e importante foi a atuação dos estudantes para a política brasileira. A ditadura

⁶ De caras pintadas, estudantes pedem o impeachment do presidente Fernando Collor em manifestação no Rio de Janeiro, em 21 de agosto de 1992. Autor: Guilherme Basto / O Globo. Disponível no *site*: <http://www.mme.org.br/>.

militar é sem sombras de dúvida o ponto mais marcante dessa história. É também, para muitos, um passado negro do nosso país, já para outros é como se não tivesse existido, pois é pouco discutido. No entanto, é para isso que existe a memória, para não deixarmos esquecer as lutas, as vitórias e para que possamos reaprender a valorizar conquistas e acontecimentos vividos. *Para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça*, assim como diz o slogan da campanha que o governo está fazendo para preservar a memória dos tempos da ditadura.

Memórias Reveladas é o Centro de Referência das Lutas Políticas no Brasil (1964-1985) institucionalizado pela Casa Civil da Presidência da República e implantado no Arquivo Nacional.

Percebe-se, ainda uma grande mudança nas atitudes da juventude de décadas passadas para os dias atuais. Aquele momento é oportuno para refletirmos os nossos ideais de hoje. Como exposto na história recente, tudo parecia adverso, foi a época marcada pela maior mobilização dos estudantes, em que existiram mais pessoas dispostas a lutarem por seus direitos e a época durante a qual muitas manifestações importantes aconteceram. Eles fizeram o que puderam para que hoje vivêssemos em um país democrático, onde o povo é quem decide. Foi um momento marcante na vida das pessoas que viveram a ditadura e não somente passaram pela ditadura, principalmente o ano de 1968, o ano em que a repressão existiu em sua totalidade, foi um ano vivido com intensidade por estudantes engajados que acreditavam que “quem sabe faz a hora, não espera acontecer”. Fica então o exemplo para que todos, jovens, adultos, homens e mulheres, cada cidadão brasileiro possa valorizar mais a memória daquela época e não deixar que a impunidade reine neste país.

Contudo, deve-se destacar que o Movimento Estudantil (ME) ainda existe e continuará existindo sempre, pois a juventude carrega no peito o desejo de liberdade, de justiça que os motiva a lutar. Deve-se frisar ainda que o ME de hoje vive em um contexto social, político e econômico diferente de décadas atrás, e o modelo econômico da sociedade atual não é partidária à união de grupos, de movimentos que lutem pelo bem comum, mas ao contrário é uma sociedade que incentiva a segregação, ao individualismo, a competição desleal, que coloca o jovem em uma situação de comodismo e passividade. Mas isso não é regra geral, pois muitos estudantes ainda se mobilizam a favor de uma educação de qualidade, sem interesses partidários, e alcançam suas reivindicações, basta para isso estarem unidos na busca de um objetivo comum que beneficie a todos.

3 AS RESIDÊNCIAS UNIVERSITÁRIAS DA UFC

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO COM O MOMENTO POLÍTICO

O surgimento das Residências Universitárias em Fortaleza, segundo alguns entrevistados, data por volta dos anos 50. Não foi possível, no entanto, precisar a data correta. Somente na década de 60, que a UFC oficializaria e assumiria as residências universitárias como responsabilidade desta universidade.

Este período da história do Brasil é marcado por diversos acontecimentos que tornaram a política da época um tanto tumultuada. Vários fatores culminariam para um grande acontecimento que dominaria o país por mais de vinte anos. Dentre estes fatores destacam-se a bipolarização mundial decorrida do final da segunda guerra mundial, vencidas pelo Estados Unidos da América e União Soviética, que passariam a influenciar a política de vários países no mundo. Neste contexto, destacam-se a guerra ocorrida entre a Coreia do Sul e a Coreia do Norte e as ditaduras militares ocorridas na Argentina, Chile e Brasil.

Durante a década de 1960, o país sofreu a renúncia do presidente Jânio Quadros. Diante disso, assumiu o vice João Goulart, muito contestado pela elite econômica. O novo presidente propôs uma série de reformas políticas, chamadas de reformas de base, para melhorar a qualidade de vida da população.

Dentre as reformas propostas pelo novo presidente estavam as seguintes: as reformas bancária, fiscal, urbana, administrativa, agrária e universitária. Sustentava-se ainda a necessidade de estender o direito de voto aos analfabetos. A principal das reformas era agrária, que prometia distribuir terras para famílias rurais e eliminar o conflito no campo.

Influenciados pelas propostas das reformas de base, os movimentos sociais se fortaleceram, destacando a União Nacional dos Estudantes - UNE e o surgimento das ligas camponesas que queriam a todo custo a concretização das reformas.

Este processo gerou grande descontentamento das elites conservadoras, Igreja e classe média, que saíram às ruas para protestar contra o governo, pois o medo do comunismo assolava o país. Estas passaram a articular o golpe junto com alguns militares descontentes. Em março de 1964, os militares com apoio dos Estados Unidos depõem o presidente Goulart e assumem a Presidência da República.

O marechal cearense Humberto Castelo Branco assume o poder, a fim de “colocar ordem” no país. O primeiro governo deu início a uma série de Atos Institucionais. Dentre as

medidas destacam-se: suspensão dos direitos políticos, cassação de mandatos políticos, eleições indiretas para governadores, a dissolução de todos os partidos políticos e a criação da Arena (Aliança Nacional Renovadora), que reunia os governistas e o MDB, Movimento Democrático Brasileiro, os oposicionistas.

Os militares enfrentaram várias greves e as manifestações dos movimentos sociais, dentre eles o movimento estudantil universitário. Com isso, o governo reagia com bastante violência, o que só piorava a situação. Os grupos de oposição passaram a criar guerrilhas urbanas e a enfrentar os militares com arma na mão. Os militares adotavam cada vez mais medidas repressivas, resultando no desaparecimento e morte de dezenas de pessoas.

Foram 21 anos de governo militar, durante esse período o país assistiu a leve crescimento econômico, sem distribuição de renda. Prisões, torturas, mortes e exílio foram as maneiras encontradas pelo regime para se perpetuar no poder. Contudo, o povo brasileiro não se calava, a repressão não foi capaz de manter a “ordem”.

Em 1979 os militares tomaram algumas medidas democráticas, os partidos políticos passaram a se organizar e houve eleições diretas para governador. No ano de 1983 o deputado Dante de Oliveira propõe uma emenda constitucional para a escolha direta do novo presidente. Rapidamente o projeto de lei ganhou repercussão nacional, através dos meios de comunicação e com comícios organizados pelos novos partidos políticos, ficando conhecido como movimento das “Diretas já”. Mesmo assim, o congresso nacional não aprovou o projeto.

No ano de 1985 é permitido que civis disputem as eleições para presidente, sendo eleito pelo colégio eleitoral Tancredo Neves, que morre antes de tomar posse do cargo, assumindo em seu lugar o vice-presidente José Sarney. Dessa maneira tem fim 21 anos de repressão e ditadura.

Já no Ceará, durante todo o período da ditadura Militar, o Estado foi governado por diversos coronéis, foram eles: Virgílio Távora, Plácido Alderado Castelo, Coronel César Cals, Adauto Bezera, e novamente Virgílio Távora e por último governou Gonzaga Mota, já eleito por voto direto. Esse período foi marcado por planos para tentar desenvolver a atividade industrial no Estado através de recursos da SUDENE, Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste e de empresários. Data dessa época a criação do Banco de Desenvolvimento do Ceará (BANDECE). Destacam-se ainda construções de várias estradas, dentre elas, a estrada do algodão e a inauguração do estádio Castelão. Em 1974, foi inaugurada pelo o governador Cesar Cals a TV Educativa.

Nesse período, no Ceará, foram presos inúmeros políticos, jornalistas, médicos, sindicalistas e estudantes, além da cassação dos mandatos de diversos políticos, deputados e vereadores. Os governos dos coronéis foram marcados também por inúmeras manifestações políticas de estudantes e sindicalistas, combatidas com repressão, morte e desaparecimento de pessoas. É destaque dessa repressão vários cearenses de esquerda envolvidos na Guerrilha do Araguaia.

A Guerrilha do Araguaia foi um movimento existente na região amazônica ao longo do rio Araguaia, no final da década de 1960 e a metade da década de 1970. Criada pelo Partido Comunista do Brasil (PC do B), tinha como objetivo fomentar uma revolução socialista, a ser iniciada no campo, contra a ditadura militar instalada no Brasil. A guerrilha era baseada nas experiências da Revolução Cubana e da Revolução Chinesa.

3.2 PERCURSOS HISTÓRICOS DAS REUS DA UFC

A Residência Universitária da UFC é um dos principais programas de assistência estudantil desta universidade, sem o qual muitos estudantes, provenientes de famílias de baixo poder aquisitivo, do interior do Ceará ou de outros estados, não teriam a oportunidade de cursar uma graduação.

Mas poucos residentes conhecem a história das REUs. Não sabem, portanto, que há alguns anos estas foram cenário de muita luta pelo movimento estudantil, para a conquista do direito a essas moradias. Este desconhecimento da história das REUs existe, pois há incipiente documentação ou registros escritos (consistentes) sobre o surgimento das moradias estudantis na UFC. A falta de memória é preocupante, na medida em que permite erradamente se pensar que tudo sempre existiu como está hoje ou que as residências foram uma “dádiva” do Governo. A falta de memória faz com que os próprios estudantes não percebam que a residência universitária foi uma conquista deles.

Tal fator tem dificultado a construção histórica da inserção e evolução dessas casas dentro de nossa universidade. Assim, esse percurso foi realizado graças a alguns depoimentos de antigos servidores da UFC e ex-moradores das REUs, e também, graças a poucos, mas importantes registros de trabalhos acadêmicos sobre essas residências, encontrados na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis.

Em relação à origem da primeira Residência Universitária, a inexistência de memória escrita favoreceu o surgimento de duas versões. A primeira aponta para uma moradia localizada à Praça da Bandeira, no final da década de 1950, onde hoje funciona um estacionamento. Há também a informação que aquela residência funcionou no prédio do DCE, também situado próximo à Praça da Bandeira. Segundo dona Raimundinha, uma das primeiras assistentes sociais à frente das Residências Universitárias, essa moradia foi instituída pela grande influência dos estudantes do curso de Direito no Movimento Estudantil. A segunda versão afirma que oficialmente a primeira Residência Universitária funcionou no 3º andar do Clube de Estudantes Universitários (CEU) à Avenida da Universidade, 2700 sob a direção do Diretório Central dos Estudantes (DCE), conforme convênio firmado entre este Diretório e a UFC em 24 de junho de 1961. Atual sede do Centro de Aperfeiçoamento de Economia do Nordeste – CAEN. A criação do Clube de Estudantes Universitários (CEU) ocorreu ainda no primeiro mandato do Reitor Martins Filho. Tinha como finalidade aglutinar todas as atividades assistenciais, culturais e desportivas patrocinadas diretamente pela Reitoria, com recursos procedentes das rendas próprias da Universidade. A organização do espaço funcionava da seguinte forma: no térreo o restaurante, que servia também como um local de festas; no primeiro andar a Divisão de Assistência ao Estudante e o serviço médico. O pavimento superior foi destinado à moradia estudantil, constituindo o primeiro espaço construído para ser uma Residência Universitária, cabendo ao DCE a direção da mesma.

Em 1963, uma ala feminina do DCE defendeu a criação da primeira residência universitária feminina: “O Lar da Universitária”, situada na Avenida da Universidade, 2216, hoje, conhecida como “Convento”. Dona Raimundinha, assistente social inserida nessa residência, diz que: *Fazia gosto a gente entrar naquela residência. Era linda e muito arrumada. Parecia uma “casinha de noiva”, como se diz. Deixaram o corpo da casa para ser a parte social e construíram os quartos no quintal. A casa era bem quista e as meninas muito respeitadas.* Martins Filho (Reitor na época) achava que não daria certo o DCE mandando numa residência feminina, por isso o Diretório continuou na direção apenas da REU masculina. A residência feminina ficou inteiramente aos cuidados da divisão de assistência estudantil.

Na foto 9, estão as primeiras moradoras da REU 2216 em 1963. Conforme o relato de dona Raimundinha, esse momento foi um evento para comemorar a abertura da casa ou foi em comemoração ao dia do estudante, ela não recorda muito bem. Na época as residentes da REU 2216 eram em grande maioria de outros estados, como Piauí, Pára, Maranhão, e também

do estado do Ceará e a maioria cursava Direito ou Medicina, cursos que ainda hoje são considerados de elite.



Foto 9⁷: As primeiras moradoras da REU feminina 2216 em 1963.

Como mostram as fotos 10 e 11, a ocasião contou com a presença de algumas pessoas ilustres da época, como o próprio Reitor Martins Filho, fundador da Universidade Federal do Ceará e o Dr. Prisco Bezerra que era Diretor da Faculdade de Agronomia. Naquela ocasião foi posto um quadro com o retrato do Reitor Martins Filho na sala principal da REU 2216, atualmente, esse quadro não se encontra mais na REU.



Fotos 10 e 11⁸: Evento em comemoração ao dia do estudante na REU feminina 2216.

⁷ As primeiras moradoras da Residência Universitária 2216, em 1963. Fonte: Arquivo pessoal da ex-Assistente Social da UFC, Raimunda Albuquerque.

Em 1964, quando o país sofria um golpe militar e os estudantes começavam a ser ferozmente perseguidos, inaugurou-se mais uma REU feminina. O dono da “CIMAIPINTO” doou à Universidade Federal uma casa situada à Rua Manoelito Moreira, número 25, para servir como residência universitária.



Foto 12⁹: Inauguração da REU feminina Júlia Pinto em 1964.

Ele pediu que colocasse na casa o nome de sua mãe, Júlia Pinto. Nas fotos 12 e 13, um evento em comemoração a abertura da nova REU, 25, conhecida atualmente, como a “casa das Julietes”.



Foto 13¹⁰: Idem foto 12.

⁸ À esquerda, o Reitor Martins Filho, Dr. Prisco Bezerra, a Assistente Social Raimunda Albuquerque e algumas moradoras da REU 2216 em 1963. Fonte: Arquivo pessoal da ex-Assistente Social da UFC, Raimunda Albuquerque.

⁹ Residentes da REU Feminina Júlia Pinto em 1964, Assistente Social Maria do Carmo Maia. Fonte: Arquivo pessoal da ex-Assistente Social da UFC, Raimunda Albuquerque.

Com o golpe militar, o DCE foi desativado e por esse tempo construíram uma residência grande com três andares, situada à Rua Paulino Nogueira, número 125, na Praça da Gentilândia. A Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis foi criada e passou a assistir também a residência masculina. Essa residência foi a primeira a ser construída para ser realmente moradia universitária. Ela foi estruturada com 24 apartamentos e com áreas de lazer e estudo. Hoje essa mesma residência, que tem capacidade para abrigar 80 moradores, passa pela primeira reforma de fato, visto que até então eram feitos apenas pequenos reparos.

Em 1966, os residentes alojados na Avenida da Universidade, 2700 foram transferidos para a nova residência. Quando isso aconteceu os meninos fizeram grande resistência para não mudar de prédio; eles não queriam sair, pois para eles era muito cômodo ter o restaurante, serviço médico e a residência tudo no mesmo local. Além disso, conta dona Raimundinha que havia outros motivos:

[...] Porque ali era quase um quartel general, aquilo no tempo da revolução pegava fogo, porque a policia não podia entrar, então eles se encastelavam lá dentro e era residência e era tudo; e logo na esquina era a Faculdade de Engenharia, os meninos da Engenharia nesta época eram muito ativos, atuantes. (Dona Raimundinha, 2009).

Esta foi mais uma razão pela qual eles não queriam deixar o prédio 2700, era como se lá pudessem agir livremente, apesar da revolução vivida na época. Mas acabaram cedendo e mudaram-se para REU 125, que naquela época era somente para homens.

Em 1967 foram abertas mais três casas na Avenida da Universidade. Eram casas velhas que iam sendo compradas pela UFC. Segundo dona Raimundinha, inicialmente a intenção do Reitor Martins Filho era conseguir todos os prédios ao longo da Avenida da Universidade até a faculdade de Direito para que formasse uma cidade universitária. Mas por questões políticas, isso não foi possível. Com o tempo a Universidade foi crescendo no bairro do Pici e então ficou como conhecemos hoje, a UFC divide-se em três campi em Fortaleza: o campus do Benfica, o do Porangabussu e o campus do Pici. Com o passar do tempo, foram adquiridos os prédios 2142 e 2154 (Duas casas que depois se tornaram uma só), hoje apenas a 2142, conhecida atualmente, como “mausoléu” devido a sua aparência um tanto desgastada. Outro caso igual é o da REU Geraldo Vandré, também chamada de “presídio”, de número 2133 que abarcou a de número 2147, ganhou este nome devido às reuniões dos estudantes que

¹⁰ Residentes da REU Feminina Júlia Pinto em 1964, Assistente Social Maria do Carmo Maia, e Professor da Faculdade de Direito da UFC na época e Diretor da DAE: Willis Santiago Guerra. Fonte: Arquivo pessoal da ex-

aconteciam nessa REU durante a ditadura. Depois se adquiriu o prédio 2635, REU conhecida como “castelo”, o qual foi reformado e adaptado à residência. Essas três REUs situadas à Avenida da Universidade, 2142, 2133 e 2635, todas foram entregues aos estudantes já mobiliadas e com algumas reformas realizadas para serem casas de estudantes.

Em 1968, uma residência na Avenida da Universidade, 2387, foi ocupada, inclusive por mulheres. A primeira REU da Avenida Carapinima foi também ocupada por mulheres (REU 1645). As mulheres estavam se mobilizando devido ao pequeno número de vagas que eram oferecidas a elas. Os prédios da Avenida Carapinima eram ocupados por funcionários da Universidade. À medida que os funcionários foram saindo das casas, os estudantes foram ocupando-as. No período de 1968/69, os estudantes apossaram-se de quatro casas na Avenida Carapinima. Sendo os prédios de nº 1645, 1651, 1655 e 1665. Segundo dona Raimundinha, quando as meninas ocuparam as casas da Avenida Carapinima, estas estavam sem nenhuma mobília, então as estudantes juntaram-se e foram falar com o Reitor e depois de algum tempo conseguiram a mobília e garantiram mais uma residência feminina.

Com o tempo, a residência feminina na Avenida da Universidade, de número 2387, foi ficando bastante desgastada e com sérios problemas nas instalações sanitárias. Com isso, na gestão de Raimundo Holanda à frente da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, em 1980, as moças que moravam nessa casa foram transferidas para uma REU situada atrás da Reitoria, na Rua Nossa Senhora dos remédios, 250.

Em 1978 a REU da Avenida da Universidade 2133 foi condenada. Um engenheiro disse que a casa ia cair. Nessa época estava proibida qualquer edificação dentro da região do Benfica, porque só estavam aplicando dinheiro no Campus do Pici. Como forma de se conseguir um local para abrigar os estudantes da REU 2133, foi feito um pedido de dinheiro para fazer uma reforma no prédio 2142. Foram construídos assim alguns quartos nos fundos da REU 2142. Esses apartamentos foram construídos na perspectiva de depois se abrir um portão para a Avenida Carapinima. Seu número é 1601.

É bastante perceptível a desconfiança e o medo que os estudantes tiveram de perder as REUs onde moravam ou mesmo de ser eliminada alguma. Durante a transferência das residentes da REU 2387 para a Nossa Senhora dos Remédios, 250, verificou-se o temor que elas tiveram de que uma residência fosse extinta da mesma forma da REU 2133.

Demonstraram desconfiança quando foi solicitado para que abandonassem o prédio, ou trocassem pelos improvisados apartamentos da Avenida Carapinima, 1601.

Ainda em 1980 os universitários ocuparam uma residência na Rua Waldery Uchoa, 140. Essa residência abrigou 15 residentes masculinos, sem nenhum conforto, totalmente desmobiada. A universidade se negou a entregar a casa. Os estudantes tomaram-na. A entrevistada ex-moradora da REU 2216 na década de 70, Virgínia Bentes, relembra como foi esse fato, do qual ela participou:

[...] Passamos a noite ali naquela casa, onde morava o seu Brasil, que era diretor do Restaurante Universitário, daí o tiramos da casa porque ele tinha casa para morar, aí colocamos colchões. Eu não era mais residente na época, mas eu vim para participar desse momento histórico. Eu já tinha emprego, era diretora do departamento da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, mas eu deixei tudo e vim, foi muito bacana passamos a noite ali, talvez se não tivéssemos ocupado aquela casa, hoje ela não seria uma residência universitária. (Virgínia Bentes Pinto).

Em 1982 foi criada mais uma REU na Rua N. SRA dos Remédios, 148. Dona Raimundinha lembra bem:

[...] A gente estava ajeitando aquela casa para as meninas da Carapinima, 1645 vir morar nela, porque assim ficariam duas casas de mulheres ali e as casas da Carapinima ficariam só para os homens. Acontece que as meninas ficaram adiando muito a mudança e os rapazes já estavam selecionados para a REU delas, a 1645. Diante do impasse, os rapazes terminaram ocupando a REU da N. SR dos Remédios, 148". (Dona Raimundinha).

Depois da luta para conseguir as casas, veio à peleja por mobília, e após alguns anos, as tão necessárias reformas, pois as casas já foram adquiridas velhas, passando apenas por pequenas adaptações para tornarem-se moradia estudantil.

É preciso perceber que o que se registrou da história das residências e dos residentes durante todos esses anos foi pouquíssimo e superficial, muitos fatos importantes se perderam no tempo. A partir 1978, os relatos ficaram cada vez mais escassos. Muitas dessas informações só foram conseguidas graças ao trabalho acadêmico de estudantes de sociologia, intitulado Brasil mostra as tuas casas (1991). Segundo o mesmo, naquela época os residentes foram inúmeras vezes às redações de jornais de grande circulação local, para que a sociedade tomasse conhecimento da situação em que se encontravam as REUs e o restaurante universitário.

Os residentes faziam diversas manifestações, mostrando o descontentamento com relação ao descaso da Universidade para com as REUs. Uma delas foi a exposição de todos os móveis das REUs nas calçadas do cruzamento da Avenida 13 de Maio com a Avenida da Universidade. Enquanto os residentes colocavam faixas que chamavam a atenção para o problema, os transeuntes puderam constatar a deplorável situação dos móveis. Atualmente, até para colocar uma faixa, não precisa nem ser de protesto, é preciso fazer ofício pedindo autorização para tal ato.

Além deste tipo de manifestações, os residentes também se preocupavam com amostras culturais. Exemplo disso foram as noites culturais que se realizaram por quase toda a década de 1980. Foram seis noites culturais, durante as quais os residentes podiam apresentar seus trabalhos. Eram apresentados contos, poesias, fotografias, pinturas, artes plásticas, dentre outros. Os melhores trabalhos recebiam pequenas premiações. Participavam do evento, inclusive como jurados, artistas e personalidades locais. As noites culturais se realizavam a cada ano em locais diferentes: Teatro Universitário, Casa Amarela, REU 2216, etc. Uma vez realizou-se no auditório da Faculdade de Direito, mas compareceu pouca gente. Os estudantes não chegaram a entender a importância desse evento, o que explica a pouca participação.

Atualmente, não existe nenhuma iniciativa como esta. A verdade é que muitos residentes de hoje não participam do “mundo” que é oferecido pela universidade. Entram na residência e saem dela sem que ao menos coloquem os pés no Teatro Universitário ou na Casa Amarela.

Aconteceu, recentemente, mais uma vitória dos estudantes, pois mais uma casa foi garantida pela luta dos estudantes. O ano de 2007 já está marcado na história das universidades públicas brasileiras como um dos anos de maior resistência dos verdadeiros defensores da universidade pública, gratuita e de qualidade: os estudantes. Diversas ocupações de reitorias ocorreram nesse ano, mostrando a indignação com a situação precária do ensino público das universidades. Nesse mesmo ano os Residentes Universitários da UFC, com o apoio do Movimento Estudantil, garantiram uma nova residência universitária para estudantes carentes, através da ocupação da reitoria no dia 28 de março. Foi uma grande mobilização de vários grupos de estudantes como há tempos não ocorria na UFC.

4 AS RESIDÊNCIAS UNIVERSITÁRIAS DA UFC NA ATUALIDADE

As residências universitárias são prédios bastante antigos. Quase todos foram adquiridos pela Universidade Federal do Ceará (UFC) ao longo da década de 1960. Algumas das casas só se tornaram REUs pela pressão ou mesmo ocupação dos estudantes que entravam para estudar na UFC e não possuíam moradia em Fortaleza.

As casas menores comportam entre 05 a 08 pessoas. As maiores possuem vários quartos e comportam em torno de 20 a 41 moradores, e na REU 125, a única que foi construída pela UFC para realmente ser residência universitária, residem 80 moradores entre homens e mulheres.

Atualmente as REUs que comportam o maior número de moradores passaram, ou ainda estão passando, por ampla reforma em suas estruturas. Esta foi mais uma conquista dos estudantes que, por vezes, juntavam-se, iam a PRAE solicitar melhorias para as residências que, em muitos casos, estavam em situações deploráveis, por conta do desgaste do uso e do tempo. Os pequenos reparos já não serviam, havia a necessidade de reforma profunda.

A REU feminina 2216, por exemplo, foi reformada no primeiro semestre do ano (2009). Fizeram banheiros e cozinha novos, edificaram a sala de estudo e a de computadores, além de construírem um pátio, onde antes só existia areia e mato, no qual se proliferavam ratos e baratas: calçadas, plantaram grama e palmeiras e colocaram iluminação. Tudo eram reivindicações antigas das moradoras do Convento, principalmente o banheiro, que em toda a existência da casa nunca havia passado por uma reforma, apenas ganhado alguns e pequenos reparos. Por enquanto as reformas estão paradas. Desde junho, por conta das goteiras que todo ano alaga salas e quartos, existe a promessa de trocar todo o telhado, mas até o momento, novembro de 2009, ainda não foi cumprida, o que levou as moradoras a cancelarem a festa junina.

As outras REUs, que passam por reformas são a Júlia Pinto, 25 e a REU grande, número 125. Os estudantes foram transferidos dessas casas e redistribuídos em apartamentos ou casas alugados pela PRAE.

As outras casas, também precisam de melhorias, espera-se, portanto, que após as reformas das residências maiores, seja a vez das demais, as quais se encontram com banheiros velhos, teto desgastado, dentre outras infinitudes de problemas.

As reformas nas REUs estão acontecendo, e isso é motivo de orgulho e satisfação dos residentes, pois no ano de 2008, a PRAE apresentou um projeto aos moradores, o qual foi amplamente debatido pelos mesmos e por unanimidade decidiram por não aceitar. O projeto da Pro-Reitoria de Assuntos Estudantis tinha por objetivo a demolição da residência feminina Júlia Pinto para, naquele espaço, construírem uma residência mista com capacidade para 100 estudantes. E nesse projeto as casas da Avenida Carapinima também seriam eclodidas e os moradores seriam transferidos para a nova casa que iria ser construída.

Os residentes perceberam que o projeto não seria vantajoso para eles, pois iria apenas transferir gente de uma casa para outra e não aumentaria o número de vagas no programa de moradia universitária, uma reivindicação antiga dos mesmos. Outra desvantagem era a organização do espaço na nova REU, cujos quartos na parte superior comportariam três pessoas cada e o térreo teria apenas dois cômodos, divididos entre cozinha e sala. Esse ambiente coletivo para cem moradores seria um amontoado de pessoas. E além do mais, os residentes não poderiam deixar que destruíssem a memória dessas casas, que foram conseguidas com muita luta há décadas por pessoas que fizeram a diferença política acadêmica na memória cearense.

Com o descontentamento de boa parte dos moradores universitários com a mobilização feita pelo COREU (Conselho de Residentes), o projeto da PRAE sofreu algumas modificações. A nova REU será construída no Campus do Pici, aumentando assim o número de vagas no Programa de Moradia Universitária. Nenhuma das antigas REUs foi desativada, pelo contrário, algumas já foram reformadas e outras estão em reforma.

Em suma, mais uma vez os estudantes mostraram sua força e provaram para os incrédulos que o único problema do movimento de residentes, atualmente, é a falta de organização dos mesmos para lutarem por seus direitos; e mesmo com esta falha conseguiram, com diálogo, fazer com que a vontade da maioria fosse atendida.

Uma das iniciativas do COREU para a mobilização dos residentes realizou-se no dia 30 de maio de 2008. Foi uma noite cultural com palestra na REU 2147, que tinha como tema: *Direito a ter direito*. Esse evento tinha como uns dos objetivos fortalecer o movimento dos residentes e reunir os mesmos para expor o problema citado, pois por incrível que pareça há residentes tão alheios à sua realidade que não estavam por dentro dos acontecimentos. Os convidados para a palestra foram a professora Tânia Batista, da Faculdade de Educação e o DCE. A professora Tânia fez sua fala, um diálogo com todos os presentes, segundo ela, faz mais ou menos 15 anos que o movimento estudantil se enfraqueceu. Ela foi participante de

CA, do DCE e atualmente, é diretora do sindicato dos docentes (ANDES). Ela comentou que hoje a juventude passa por um processo de desencantamento, onde a mesma está desacreditada com o atual momento político e não se mobiliza na luta por seus direitos. Segundo a professora, na época da ditadura militar, mesmo com toda a repressão, a juventude foi capaz de ser mais organizada, realizando várias manifestações em prol do bem coletivo.

A professora falou acerca da conscientização dos residentes com relação aos benefícios “cedidos” pelo governo, como assistência estudantil, e salientou que estes não são favores, e sim direitos conquistados, já que pagamos impostos muito altos.

Outro fator comentado foi a qualidade da educação, onde a palestrante questionou aos presentes qual o tipo de educação que queremos. Muitos dos estudantes se manifestaram. Tânia continuou: queremos uma educação que dignifique o ser humano, colocando todos em um pé de igualdade de direitos e de oportunidades. O atual modelo de educação não prioriza a participação política e sim o individualismo, fruto do contexto neoliberal que busca a diminuição do Estado. Logo após o debate teve uma apresentação cultural do grupo Escuta com o objetivo de animar o evento e integrar os residentes.

Nonato, Presidente do COREU em 2008, explicou que o objetivo era dar continuidade a esses eventos, para que o movimento de residentes possa estar se fortalecendo para lutarmos por nossos direitos. Mas, por diversas dificuldades não foi possível continuar com a realização destes momentos de reflexões, dentre elas o desestímulo de grande parte dos residentes.

4.1 O NOVO MOVIMENTO ESTUDANTIL E O MOVIMENTO DE RESIDENTES NO CEARÁ

Nos dias atuais, as reivindicações do novo movimento estudantil são por motivos diferentes de outrora. Há 40 anos, os estudantes lutaram por um Brasil mais livre. Hoje, eles estão mais centralizados nas universidades públicas e reivindicam assistência estudantil, transparência no uso do dinheiro público nas Reitorias e melhorias nas universidades.

Em 2008, a notícia que repercutiu na mídia e que levou o movimento estudantil a se manifestar foram denúncias de que Reitores de algumas universidades públicas estavam

utilizando o dinheiro público para fins pessoais. Tudo começou na Universidade de Brasília (UnB) com a denúncia de que o Reitor Timothy Mulholland havia equipado seu apartamento funcional com três lixeiras automáticas no valor de R\$ 818,00, R\$ 930,00 e R\$ 990,00.

Na véspera da renúncia do referido reitor, os estudantes que na semana anterior haviam ocupado a reitoria da (UnB) fizeram uma limpeza ética: promoveram ampla lavagem do prédio e transformaram a rampa principal em tobogã como mostra a imagem abaixo.



Foto 14¹¹: Lavagem ética no prédio da Reitoria da UnB.

O novo movimento estudantil é bastante criticado por algumas pessoas. Isso se deve ao fato de sempre que pensamos em movimento estudantil, automaticamente nos vem à lembrança o movimento de 1968, no qual os estudantes eram muito atuantes, corajosos, idealistas, revolucionários e entraram na história do país por toda a luta e resistência à ditadura militar.

Ao relacionarmos o ME de hoje com o de 1968, encontramos uma disparidade abissal, pois vivemos uma realidade totalmente diferente de 40 anos atrás. O momento político é outro, as relações econômicas e sociais também são outras. Mas, a comparação é inevitável, uma vez que para entendermos o presente faz-se necessário compreendermos o passado. O que nos leva a crer que precisamos discutir e refletir mais sobre alguns fatos que

¹¹ Em manifestação, estudantes lavam prédio da Reitoria da UnB em protesto ao mau uso do dinheiro público na universidade. Fonte: Revista Istoé, 2008. Disponível no site: <http://www.terra.com.br/istoe/edicoes/2007/>.

marcaram a nossa história para que possamos entender o contexto político de hoje, pois o que aconteceu no passado tem consequências nos dias atuais e no futuro.

A crítica ao ME dos dias atuais se faz devido à realidade muito constante nas universidades, em que alguns estudantes levantam a bandeira em favor do movimento estudantil, mas com intenções partidárias. São na realidade militantes de partidos políticos. Em entrevista dada a *Revista Isto é*, Vladimir Palmeira, um dos mais carismáticos líderes estudantis da geração de 1968, faz a seguinte crítica aos posicionamentos tomados pelo novo ME:

[...] A defesa dessas bandeiras questionáveis tem origem na velha chaga da partidarização do movimento estudantil. Gloriosa no passado, a UNE, hoje, é uma geleia ideológica formada por várias legendas, como o PSOL, o PCdoB, o PSTU e o próprio PT. A gaúcha Lúcia Stumpf, atual presidente, é ligada ao PCdoB, que está à frente da entidade há 16 anos, mas corre o risco de perder a hegemonia. Na mobilização da UnB, havia quatro tendências disputando a liderança da invasão da reitoria: o PSTU, o PSOL, o PCdoB, e um grupo independente chamado Instinto Coletivo. "Com a democracia, o que nós temos hoje não é uma politização, mas uma partidarização do movimento estudantil. A massa estudantil não está interessada nisso. Nem eu, se fosse estudante, estaria interessado". (Revista Isto é, 2008)

Outro fator responsável pela desagregação do movimento estudantil foi a reforma universitária de 1968 que, aos poucos, foi isolando os estudantes, fazendo com que eles não mantivessem o mesmo contato de antes. Esta reforma estabeleceu a criação dos Departamentos como a menor fração da estrutura universitária para fins de organização administrativa, didático-científica compreendendo disciplinas afins. O regime impôs ainda a matrícula semestral por disciplina, em substituição à matrícula por série anual e instaurou o sistema de crédito como unidade de medida para a contabilidade acadêmica.

O movimento estudantil no Ceará é caracterizado como muito tímido e com poucas manifestações de interesse de grupo. Muitos jovens que participam do ME são partidários e se preocupam com os interesses do partido e não com o bem coletivo. A maioria vive isolada em seu mundo na busca de suas aspirações e realizações pessoais.

Infelizmente, o contexto político atual não é igual ao das décadas de 60, 70 e 80, portanto os jovens já não têm as mesmas paixões para lutar por um propósito coletivo. Existe ainda a cultura do individualismo, que foi introjetada em nossas mentes, de maneira imperceptível, a qual defendemos com bastante fervor.

É muitas vezes perceptível a necessidade de luta por melhorias, tanto das residências universitárias, quanto por melhor qualidade na alimentação servida pelo RU, por exemplo.

Infelizmente, esquecemos facilmente dos direitos que hoje desfrutamos e que foram conseguidos por jovens que lutaram bravamente no passado. O COREU, Conselho de Residentes Universitários, permanece trabalhando para unir os residentes na busca de soluções para os problemas ocorridos no âmbito da REU e do RU da UFC. Estas lutas são isoladas, pois a maioria dos estudantes não participa, alegando não dispor de tempo. São frases ditas por muitos quando convidados para participar de uma reunião: “não posso, tenho que estudar para uma prova, tenho aula, tenho que trabalhar,” o que constamos certa desmotivação da maioria dos residentes.

Portanto, falta consciência política da maioria dos estudantes em saber que as residências universitárias foram conquistadas pela luta de pessoas como eles, estudantes. Devemos entender que a busca por melhoria, seja nas casas ou no restaurante é um dever nosso, e não podemos deixar que este bem tão precioso se deteriore. A verdade é que eles não pensam assim, às vezes até reclamam de quem luta por melhoria, por achar que a maioria é de origem popular e já conseguiram muito, estando num seletivo grupo de pouco mais de 280 estudantes morando nas REUs.

4.2 ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL, UM DIREITO

O direito à Universidade Pública é um sonho que muitos estudantes no país não conseguem realizar. O principal agravante para este problema é a forma de avaliação, o vestibular, que age como uma “peneira”, no qual poucos conseguem vencer devido a forte estrutura que ainda impede o pleno acesso dos estudantes mais pobres às universidades de excelência do país. Mas mesmo quando o estudante vence todos os obstáculos e consegue chegar à universidade, os problemas não acabam, pois existe outro tão ou mais agravante que o anterior: a permanência.

O número de evasão em alguns cursos da UFC é alarmante. Todos os anos muitos alunos, principalmente os que necessitam trabalhar abandonam seus cursos por não terem acesso a meios que possibilitem sua permanência. Outro fator que contribui para a desistência são as dificuldades de aprendizagem.

O programa de residência universitária cumpre o papel do Estado como política de inclusão social ao dar oportunidade de moradia. Tem capacidade para conceder moradia a 284

estudantes em nove residências masculinas, quatro femininas e duas mistas (PRAE, 2009). Trata-se de uma estrutura de acolhimento a estudantes àqueles que não moram em Fortaleza, esta estrutura oferece ainda alimentação e, quando necessário, atendimento odontológico e apoio psicossocial durante o período de permanência em um curso de graduação.

Este programa de assistência tem como finalidade primordial auxiliar o estudante universitário regularmente matriculado nos cursos de graduação. O mesmo possui papel indispensável para a formação de estudantes provenientes de famílias de baixo poder aquisitivo, do interior do Ceará ou de outros Estados, sem o qual muitos não teriam a possibilidade de fazer uma graduação.

Mas, para entrar no Programa de Moradia Universitária, eles passam por um processo de seleção concorrido, visto que a demanda de estudantes que se inscrevem no Programa de Moradia Universitário é maior que o número de vagas disponíveis nas REUs. Com isso, muitos acabam não ganhando a assistência estudantil devida. Assim, vão morar em casa de amigos ou parentes, mas, logo que as dificuldades financeiras aparecem, optam pelo trancamento ou mesmo desistência do curso. É dever da universidade oferecer condições suficientes para os alunos estudarem e concluírem seus estudos. É direito de todos, garantido na Constituição Federativa do Brasil de 1988, que afirma o seguinte:

[...]

Art. 205 - A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206 – O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I- Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola.

Compreende-se então que a educação é um direito e este se estende também ao ensino superior, ou seja, todo cidadão está amparado por lei a ter acesso a uma universidade pública. Torna-se necessário, então, a criação de mecanismos que garantam a permanência dos que nela ingressam ou que ao menos a assistência estudantil seja ampliada a todos que precisem. Não se fala aqui somente em defesa dos residentes, pois os estudantes de maneira geral necessitam mais do que apenas moradia e alimentação; precisam de bibliotecas equipadas com livros atualizados; de bolsas de iniciação acadêmica que estejam voltadas para a área de estudo do aluno, e que estas bolsas sejam ampliadas, pois é uma maneira de se manter na universidade sem atrapalhar os estudos.

Contudo, é sabido que a assistência estudantil prestada na UFC é ainda deficiente, pois não ocorre como deveria ou é realizada apenas em parte, haja vista a demanda de estudantes que precisam de assistência estudantil é bem maior do que é realizado pela PRAE. Isto pode ser observado claramente no número de pessoas que busca o Programa de Moradia Universitária em relação ao número de vagas que são ofertadas todo semestre. Com isso, muitos estudantes, oriundos de cidades do interior do Ceará e/ou de outros estados, que estão no perfil de residente, pois são de origem popular, são excluídos do programa por falta de vagas nas REUs.

Outro fator que mostra esta deficiência é em relação ao pequeno número de bolsas de Iniciação Acadêmica, antiga bolsa de assistência, que são destinadas a residentes universitários. São apenas 40 bolsas, enquanto que são 283 residentes, todos de famílias de baixo poder aquisitivo, na qual muitos não recebem nenhuma ajuda dos pais, visto que estes não têm condições financeiras favoráveis para ajudá-los. Deve-se destacar também, que nem todos conseguem arranjar estágio remunerado, daí a necessidade desta bolsa de assistência, pois parte desses estudantes fazem cursos que estão localizados no Campus do Pici ou Porangabussu, logo há gastos com passagens diárias, pois precisam locomover-se do Bairro Benfica, onde moram, até o local do seu curso, dentre outros gastos com material didático, alimentação, pois não dá para viver apenas com as três refeições servidas no Restaurante Universitário, vestuário, e outros mais.

Em suma, percebe-se a enorme importância da assistência estudantil não somente para estudantes residentes, mas também para todos os demais que necessitam de apoio durante a dura caminhada rumo ao conhecimento.

4.3 O CONVÍVIO ENTRE OS MORADORES DAS REUS

O corpo de estudantes que compõe o Programa de Moradia Universitária da UFC é composto em sua totalidade por pessoas do interior do estado do Ceará e de outros Estados. São jovens oriundos de famílias de baixo poder aquisitivo, os quais a maioria concluiu o ensino fundamental e médio em escolas da rede pública de ensino. Apesar de todas essas semelhanças são pessoas diferentes que buscam realizar o mesmo sonho: concluir o ensino superior.

A vida em uma residência universitária é bem diferente do que passa no imaginário da maioria das pessoas. Seja uma casa de estudantes, uma república estudantil ou qual seja a denominação utilizada, a imagem que as pessoas têm é sempre a mesma: um local cheio de jovens, no qual todos fazem o que querem e onde todo dia é festa.

Mas esse é um julgamento cheio de estigmas e preconceitos criados por algumas pessoas. A realidade é bem diferente do que se imagina. As REUs são na verdade local de muita disciplina, regras, normas e toda ordem de avisos que precisam existir em um ambiente coletivo para que este seja o mais civilizado e democrático para harmonia das pessoas que ali moram.

A Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, órgão da UFC responsável diretamente pela organização das REUs, possui um regimento que se aplica a todo o Programa de Moradia Universitário, ou seja, a todas as casas. Neste regimento estão registrados os direitos e deveres de cada morador. Mas cabe a cada Residência em particular o dever de criar o seu próprio regimento interno de acordo com as necessidades dos moradores de cada casa. Deste modo, o regimento interno é criado pelos moradores das REUs e nele ficam registradas as normas a serem cumpridas como também sanções para quem descumprir tais regras. Os problemas de convivência simples surgidos no interior da residência universitária deverão ser discutidos e solucionados dentro da mesma, somente em casos mais sérios é que deverão ser encaminhados à PRAE, próxima instância, para que as assistentes sociais possam, juntamente com as pessoas envolvidas tentar solucioná-los.

Como foi mencionado em parágrafos anteriores, nas REUs moram pessoas de diversas cidades do Ceará, de outros estados e até outros países. Daí podemos imaginar a diversidades de culturas, características e costumes diferentes de pessoas convivendo todas no mesmo ambiente. Isso pode ser muito interessante até certo ponto, pois esse convívio é muito rico em aprendizado, visto que temos a oportunidade de conhecer pessoas novas, de lugares diferentes e, neste contexto, surgem fortes laços de amizade que se estenderão por toda vida.

Contudo, toda esta variedade de costumes pode ser o causador de muitos problemas no interior de um ambiente coletivo. Para algumas pessoas a adaptação a este novo modo de viver ao qual está submetido pode ser um processo muito simples, para outras então, torna-se um entrave e nunca se adaptam totalmente ou pode ser ainda que apenas tenha desenvolvido um meio de conviver amigavelmente com os colegas sem maiores atritos.

Quando, porém, isto não acontece, a convivência torna-se insuportável, chegando ao ponto, inclusive, de ser preciso a transferência de quarto de um dos envolvidos ou até mesmo de uma REU para outra. Muitos desses problemas acontecem, pois existem pessoas que entram no Programa de Moradia Universitária sem nenhuma noção do que seja morar em coletividade, assim sendo agem como se estivessem em sua própria casa e não é bem assim, pois a REU é um ambiente deles e ao mesmo tempo de todos que moram ali. E, portanto, deve-se respeitar o espaço do próximo para ser respeitado. Este comportamento que se espera de todos os moradores, no geral, não acontece como deveria ou acontece apenas em parte, o que gera conflitos e desconforto no interior das REUs.

Esses conflitos acontecem devido a vários fatores, pois nas residências há pessoas de regiões e culturas diferentes, que trouxeram consigo, muitas vezes, formas de vidas repletas de preconceitos ou mesmo comportamentos individualistas. Assim, quando se encontram morando com outras pessoas, não sabem como devem agir ou agem sem pensar. São questões simples, mas que no dia a dia podem fazer com que a vida de uma pessoa torne-se um verdadeiro caos. Questões como, por exemplo, respeitar o horário de silêncio quando uma pessoa estiver estudando ou mesmo descansando são direitos garantidos no estatuto da PRAE e no estatuto interno de algumas casas, mas, que por vezes, são desrespeitados, dentre muitas outras pequenas coisas.

A professora Adelaide Gonçalves ex-residente universitária, ao ser entrevistada sobre como encarou o desafio de conviver com pessoas que até então eram estranhas, respondeu da seguinte forma:

[...] Foi um desafio de respeitar o outro, porque não ser individualista, não significa dizer que não temos que respeitar as individualidades. Cada pessoa tem seu modo de ser, seu modo de agir e é preciso que nós respeitemos os modos de cada um. Então o convívio entre os diferentes é um riquíssimo aprendizado, onde vamos abrindo mão de algumas singularidades, algumas peculiaridades que temos no nosso convívio. (Adelaide Gonçalves).

Apesar de todos os problemas que podem existir no convívio de uma moradia estudantil, esta vivência é, sobretudo, um grande aprendizado em todos os sentidos. Neste ambiente, o residente aprende a se conhecer melhor, assim, vai moldando o seu comportamento, suas atitudes e vai aprendendo a ceder, a abrir mão de certas coisas, visto que agora vive em grupo. As residências universitárias significam para muitos moradores a primeira experiência de vivência em grupo.

Além deste aprendizado, há a responsabilidade de viver longe da família. Na REU o estudante se torna ainda mais responsável por si. Existe certa liberdade, mas como residente não deve esquecer que lá existem limites e regras aos quais deve obedecer.

Mas, além de deveres e obrigações, há no meio disso tudo momentos agradáveis, como por exemplo, as comemorações de aniversário dos colegas, se quiser, existe sempre uma pessoa disposta a conversar; em algumas residências existe campinho de futebol, onde os meninos e, às vezes, as meninas, também, jogam futebol. Algumas montam grupo de estudo, como moram juntos podem tirar dúvidas com os colegas. Assistem a filme juntos. As refeições são feitas no Restaurante Universitário, mas, às vezes, se junta um grupo de cinco pessoas na cozinha para fazer comida, algo que é muito divertido. Há também, pelo menos na REU 2216, um grupo de oração, no qual algumas meninas se reúnem uma vez por semana, para ler a palavra de Deus, discuti-la e orar. É um momento confortante para elas. Na REU 125, há também reuniões espirituais uma vez por semana de membros do grupo Alfa & Ômega com alguns residentes.

Se nas REUs existe em algum momento a mesquinhez e o desentendimento, há também permanentemente a solidariedade e a compreensão. Existem, portanto, as diferenças, como em todo e qualquer grupo. Há também uma espécie de família: uma “mãe”, ou um “pai” de todos e cada um tem seus “irmãos” preferidos, usufruindo o gozo de fazer parte, de sentir-se incluído. Isso pode provocar um grande incômodo na recepção dos novatos, este passa a ser visto como um intruso, podendo desequilibrar a “família”. E por parte dos veteranos pode existir o medo da invasão do seu espaço. Mas, aos poucos, isso vai mudando, os novatos vão se integrando no grupo e entram para a família também, pois, estão todos na mesma situação de fragilidade, uma vez que foram obrigados a se separarem da família na busca de um sonho em comum. Para tanto, aprendem a enfrentar as dificuldades econômicas e de ressocialização. Essa etapa de adaptação é muito difícil para a maioria. Longe dos pais e irmãos, a saudade e a insegurança são sentimentos que os levam a se excluírem do grupo ou a se identificarem logo com alguma pessoa que possa suprir esse vazio, essa falta de alguém em quem possa confiar. A segunda opção, felizmente, é a mais frequente, visto que o ser humano tem a necessidade de estar em contato com o outro.

Na REU 2216 (Convento) e na REU 25 (Julia Pinto ou Julietes), existe todo ano a tradicional festa junina, conhecida como o arraíá do Convento e o arraíá das Julietes. As meninas de ambas as casas organizam a festa, em dias diferentes, para arrecadar fundos para a compra de bens para a REU. Então, quando se aproxima o mês de junho, enfeitam a casa,

contratam uma banda de forró pé de serra, fazem uma boa divulgação nos campi da UFC e sempre a festa é lucro certo. Há certa concorrência (não declarada) entre ambas as casas, nesse período, para ver qual delas organizará a melhor festa, qual terá mais gente, etc. As duas são muito boas, com algumas diferenças de estrutura do ambiente (espaço) para a festa e organização. Mas, ambas, sempre batem recorde de estudantes de diversos cursos da UFC, e, é claro, conta também com a presença dos residentes das outras REUs. Esses momentos de descontração são importantes para que haja maior interação entre residentes de uma REU com os de outras, levando-os a se conhecerem melhor e criar laços.

Todo fim de ano, na REU 2216, é momento de festa e confraternização. As moradoras decoram a casa com enfeites natalinos e brincam de “anjo da guarda”, sorteiam os nomes das meninas que querem participar, e durante a semana que antecede a festa, os ‘anjos’ mandam recadinhos carinhosos para os seus protegidos. Até o dia da festinha de confraternização as meninas vivem ansiosas para descobrir quem lhes envia os recadinhos carinhosos, bombons e lembrancinhas. O dia da festa é de muita alegria e emoção também, pois além de ser final de ano, momento de esquecer as mágoas e por fim a algum desentendimento, é também momento de despedida, pois, fim de semestre sempre tem alguém terminando e indo embora.

Portanto, apesar de não ser fácil o convívio com pessoas diferentes, que tem outra forma de pensar, que possuem costumes distintos, o convívio na REU é, antes de tudo, um aprendizado para nos conhecermos melhor. E, além disso, sem que notemos, aos poucos formamos uma família, ligada não por laços sanguíneos (apesar de existirem irmãos morando juntos), mas por laços de amizades.

4.4 RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO: DE PALCO DE LUTAS A PONTO DE ENCONTRO ENTRE ESTUDANTES

O Programa de Assistência Alimentar ao Estudante, gerenciado pela Coordenadoria de Restaurante Universitário, objetiva fornecer alimentação para a comunidade estudantil. O mesmo possui capacidade para atender 3.000 comensais. Reaberto à comunidade universitária da UFC em 1998, o Restaurante Universitário fornece almoço à comunidade acadêmica. O valor estipulado entre a Administração Superior e as lideranças estudantis está fixado em R\$ 1,10 para estudantes, R\$ 1,60 para servidores e R\$ 2,20 para professores. Conta com restaurante e refeitório no Campus do Pici e outro refeitório no Campus do Benfica. (PRAE, 2009).

O RU do Campus do Benfica atende, além da comunidade acadêmica com refeição do almoço, os residentes universitários com as refeições de café da manhã, almoço e jantar.

Mais do que um ambiente onde os estudantes se aportam para saciarem a fome de pão, o restaurante universitário sempre funcionou como palco de discussões e manifestações das mais variadas. Embora hoje aconteça com menos frequência, há alguns anos os estudantes usavam o ambiente para convocar os colegas para reuniões e mobilizações.

Pode-se notar que em toda a trajetória dos estudantes universitários até os dias atuais, os Restaurantes Universitários aparecem sempre como o *point da galera*, ponto de encontro, local de concentração e organização dos estudantes para algum ato ou alguma manifestação. Na década de 1960, como foi apresentado em capítulos anteriores, o Restaurante Calabouço, no Rio de Janeiro, era onde tudo acontecia, expressão de um ex-militante do movimento de 68, para explicar a importância do restaurante universitário.

Atualmente, apesar das causas serem outras, o ponto de encontro ainda é o mesmo, pois o RU é o local mais indicado para se encontrar o maior número de estudantes reunidos diariamente. É onde as pessoas reúnem-se para almoçar, conversar, encontrar amigos; e é lá onde são feitas as campanhas para as chapas do DCE; ou denunciam e divulgam encontros, reuniões deste diretório como também de outras entidades, etc. Em diversas universidades os RUs continuam sendo palco de mobilização dos estudantes.

4.5 A PRAE, O DCE E O COREU

A Pro-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) atua como gestora das políticas de assistência estudantil da Universidade Federal do Ceará, priorizando no primeiro momento a assistência socioeconômica ao estudante. Estão, portanto, dentro de suas atribuições incentivar, apoiar e acompanhar o corpo discente em suas múltiplas demandas, no decorrer de toda a trajetória acadêmica, através de ações efetivas nas áreas social, cultural, técnico-científica, esportiva e política. (Portal da Universidade Federal do Ceará).

Porém, antes de ser uma Pro-Reitoria, chamava-se DAE, Divisão de Assistência Estudantil, que tem início quando a UFC cria o Clube de Estudantes Universitários (CEU) em 1961, no qual se aglutinavam todas as atividades assistenciais, culturais e desportivas patrocinadas diretamente pela Reitoria, com recursos procedentes das rendas próprias da Universidade. Cabia a DAE a administração de todas essas atividades voltadas para os estudantes. (PRAE, 2009).

Somente em 1966 evidenciou-se a necessidade de uma descentralização administrativa para evitar o comprometimento da marcha de desenvolvimento seguida pela Instituição. Foi criada, assim, a Vice-Reitoria de Assuntos Estudantis com poderes para agir e solucionar os assuntos e tarefas nessa área.

No Estatuto de 13/03/1969, as Vice-Reitorias foram transformadas em Pró-Reitorias, dando origem à Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, com o objetivo de promover e assistir a comunidade estudantil em toda a sua plenitude, planejando, gerindo e executando os programas assistenciais dirigidos a essa comunidade.

Atualmente, a PRAE divide-se em três coordenadorias: Coordenadoria de Restaurante Universitário sob as responsabilidades de Tânia Maria Lacerda Maia, Coordenadoria de Assistência Comunitária, com o Prof. Antônio Caubi Ribeiro Tupinambá e Coordenadoria de Desporto e Lazer, sob a responsabilidade do professor Antônio Barroso Lima.

A atual Pró-Reitora de Assuntos Estudantis é a professora Maria Clarisse Ferreira Gomes, que é bastante acessível aos estudantes, costumando atender-lhes quase todas as reivindicações.

O Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Universidade Federal do Ceará é a entidade de representação dos estudantes, tem dentre as suas funções: representar e defender junto com os CAs (Centro Acadêmicos) os interesses do corpo discente, reivindicar e

apresentar soluções para os problemas acadêmicos e organizar e incentivar promoções de caráter político, cultural, científico e social.

O Conselho de Residentes Universitários – COREU, como já foi dito antes, é um grupo de estudantes que representa os residentes junto a PRAE, o mesmo mantém os residentes informados das decisões tomadas pela Pró-Reitoria, como também expõe à comunidade residente os problemas que eventualmente ocorrem, motivando e liderando os residentes a manifestar-se. O COREU participa de alguns momentos importantes quando da seleção dos novos residentes, como o seminário de apresentação do Programa para os estudantes selecionados. Se houver algum impasse quanto à escolha de uma pessoa para assumir a vaga, o COREU também tem a oportunidade de avaliar a situação e votar no que mais se encaixa no perfil. Este mesmo grupo organiza os demais para participar dos Encontros de Casas de Estudantes, seja Norte/Nordeste ou mesmo Nacional.

Recentemente aconteceu na cidade de Natal-RN o XIII Encontro Norte/Nordeste de Casas de Estudantes – ENNECE, com o tema: Construindo Identidade, incluindo atores: Uma Autonomia Necessária. O COREU organizou a delegação do Ceará e foi para o encontro, que teve como propósito discutir os problemas e experiências das casas de estudantes nos diversos estados do país.



Fotos 15 e 16¹²: Ato público no Encontro de Casas de Estudante em Natal-RN.

Segundo Shirlene Castro, residente da REU Júlia Pinto, foi um momento muito rico de discussões, no qual os participantes do encontro refletiram sobre a questão da afirmação da identidade de seus protagonistas, os residentes universitários.

¹² XIII Encontro Norte Nordeste de Casas de Estudantes – ENNECE. Durante o Encontro os estudantes de várias Universidades realizaram um ato público. Fonte: COREU.

A partir do reconhecimento da identidade podemos ter consciência de nossa atuação enquanto sujeitos históricos. É também com a identidade que nos posicionamos na sociedade e assim de fato exercemos a cidadania em torno de nossos deveres e direitos (COREU, 2009).

Esse encontro teve como objetivo não só fortalecer o movimento de residentes universitários, reforçando a importância da assistência estudantil, mas também destacar os estudantes de origem popular assistidos.

Compreende-se que os estudantes que recebem benefícios, tais como bolsa de trabalho, auxílio-cópia, alimentação, transporte, entre outros, fazem parte da mesma realidade que os residentes. Assim, avançarão na afirmação de sua identidade na medida em que deixam de se reconhecerem apenas pelo que os diferencia – ser residente – e passarem a se reconhecer também pelo que os une: a assistência estudantil.

5 AS REUS NA VISÃO DE SEUS MORADORES: PASSADO E PRESENTE

Esta pesquisa tem como objetivos estudar a história das residências universitárias UFC, por meio da memória de antigos e atuais moradores, contextualizar momentos, fazendo um paralelo à atual situação das referidas repúblicas, fazer referências ao movimento estudantil de anos atrás com o atual, e fomentar discussões que possam favorecer a melhoria da assistência estudantil em nossa universidade.

Utilizou-se como recurso metodológico, além das fontes documentais empregadas no decorrer do trabalho, as falas de seis moradores das residências universitárias. Duas das entrevistadas viveram na REU durante a década de 70; outro já bem mais recente nos anos de 2000 a 2006. Os demais moradores entrevistados ainda estão morando nas residências.

A análise e discussão dos dados foram baseadas na verificação de conteúdo. Este tipo de pesquisa, conforme Minayo (1996), significa mais do que um procedimento técnico faz parte de uma histórica busca teórica e prática no campo. Assim sendo, após a transcrição das falas, foi realizada uma leitura estabelecendo-se, em seguida, relações entre os fatos citados pelos entrevistados e os objetivos do estudo.

5.1 RESIDENTES UNIVERSITÁRIOS E SUAS LEMBRANÇAS

5.1.1 Virgínia Bentes Pinto – Moradora da REU 2216 de 1975 a 1979.

A primeira entrevistada foi a professora do Departamento de Ciências da Informação, doutora Virgínia Bentes Pinto, originária de Santarém e ex-residente universitária da REU 2216, onde morou no período de 1975 a 1979.

Quais as lembranças que construiu das REU's?

[...] As lembranças são maravilhosas em todos os sentidos, no sentido de formação cidadã, pois a Residência Universitária te propõe tanto liberdade quanto limites, porque você não estar junto de seus pais, você é dona de si própria, mas ao mesmo tempo você tem limites, pois as REUs têm um estatuto que diz que devemos respeitar o espaço do outro, não ligar a luz se a colega estiver dormindo, não chegar fazendo algazarra, não trazer amigos homens, pois naquela época era proibida a entrada de homens na residência universitária. Então, ao mesmo tempo em que você tinha liberdade, existia também certo limite, que era imposto pelas

assistentes sociais e pelo estatuto da residência, seguíamos estes parâmetros e não tínhamos como fugir, lógico que nós tentávamos enrolar, viver a nossa vida.

Percebe-se através da fala da professora Virgínia o comportamento das moradoras da REU, cujo controle feito pelas assistentes sociais era bem mais rígido. Ela fala também acerca da formação cidadã que a vivência em uma residência estudantil pode propor aos seus moradores.

Dando continuidade às lembranças as quais a professora foi estimulada a recordar, ela fala sobre o convívio, e a solidariedade entre as moradoras:

[...] Eu lembro muito bem, neste tempo eu tava trabalhando como professora e secretária do Colégio Pio X, então eu tinha certas condições e podia então me dar o prazer de comprar comida, então eu tinha muito prazer de repartir essa comida com as minhas colegas; e também as meninas que eram do Piauí, do interior do Ceará, quando elas vinham das suas cidades traziam queijos, doce de leite, por exemplo. A professora Adelaide do Departamento de História, quando ela vinha de Tauá-Ce, trazia um doce de leite de ambrosia, que era um doce que a minha avó fazia lá no Norte e eu adorava comer esse doce porque eu me lembrava da minha avó. Ela trazia queijo coalho e eu gostava muito, por que me trazia as lembranças de toda a minha história de vida. Eu nasci na ilha, então isso me trazia recordações da minha infância [emoção]. Todas essas historias me remetia ao Norte, ao Pará e era uma coisa muito bacana. Também, nós fazíamos muitos encontros, muitos forrós, por que este era o local que tínhamos para nos divertir, já que não tínhamos recursos para sairmos, pra passear por Fortaleza, então nós íamos aos forrós de uma e de outra residência.

Nesta fala, em que a entrevistada reconstrói não só as lembranças do tempo de estudante enquanto morava na REU, mas também da sua infância, podemos perceber como a memória é seletiva, pois para Halbwachs (2006), guardamos o que é mais significativo para nós.

Ainda sobre suas lembranças, no período no qual viveu na REU, ela recorda:

[...] E foi na residência que tive um despertar para os movimentos sociais, pela luta dos movimentos sociais, eu estava sempre lutando pelos nossos direitos, ia sempre à pró-reitoria atrás de melhorias para a casa. Queríamos mais coisas para a residência, conseguimos o telefone para a REU. A gente queria melhores condições de estudo na REU, dentre outros. Então, para mim a residência universitária foi uma escola de vida, por que eu tinha certo limite, por que na minha casa sempre tive limites, pois meus pais me deram limites muitos rígidos e quando eu cheguei à residência eu não sabia muito o que fazer com essa liberdade. Ela se lembra do primeiro encontro de residentes universitários que aconteceu em Salvador, dos forrós que realizavam para conseguir dinheiro, para alugar um ônibus para irem a Salvador. Ela se lembra ainda do tempo que a UNE começou a se restabelecer, então as residentes organizaram um movimento para ir para o encontro.

Outro momento muito marcante na vida da professora Virgínia foi o ocorrido logo depois que ela saiu da REU. Já formada, mas envolvida com os problemas dos residentes universitários, foram a luta para conseguir novas residências. Os estudantes ocuparam uma casa da UFC, pois muitos não tinham onde morar, eram de outras cidades. Assim, ela relata o acontecido:

[...] Outra residência que não foi invadida, mas sim conquistada, foi à residência que fica por trás da Reitoria, chamada Bárbara de Alencar é a REU de número 142. Fomos nós que conquistamos, porque estavam sendo ocupadas por funcionários, que ganhavam muito bem e tinham suas casas.

Que redes sociais foram construídas no âmbito das residências universitárias?

[...] Existiam as redes sociais entre as residentes da REU 2216, depois entre as residências como um todo. Quando começamos a fazer as reuniões nas residências masculinas essa aproximação foi maior, a união foi maior, a luta ficou mais fortalecida, e também tínhamos redes sociais com residentes de outros estados e de outros países. Eu lembro que no primeiro encontro de residente o slogan foi feito por nós daqui do Ceará, e era assim *Moradia estudantil um direito que se conquista, lute por esse direito!* a gente viajou para Salvador e fizemos uma faixa bem grande com este slogan e colocamos no ônibus, ainda era na ditadura, em 78 mais ou menos. Aqui em Fortaleza a gente sofreu repressão da ditadura, havia certo tipo de vigilância. Um movimento que tenho recordação na REU foi o movimento pela anistia e contra a carestia, o professor Pinheiro do Curso de História participava, a professora Adelaide também. Todos os sábados nós pegávamos um ônibus e íamos para o Instituto Penal Paulo Sarasate, onde estavam os presos políticos, me lembro do seu Ferreira, do Genoíno, então foi um momento muito bom, por que nós construímos essa rede social entre eles.

Com esse depoimento da entrevistada, podemos perceber o envolvimento dos residentes universitários do Ceará com os movimentos estudantis da época, os encontros de estudantes organizados pela UNE, dentre outros e a repressão sofrida por conta do autoritarismo do governo ditatorial e em meio a isso tudo, as redes sociais que eram criadas.

Como você vê a relação existente entre os residentes universitários na sua época?

[...] Existia certa competitividade, acredito mais na REU feminina do que na masculina, então cada uma tinha o seu paquera, e ficávamos chateadas se alguém paquerava o nosso, às vezes, até deixava de falar com a pessoa. Nas residências existiam pessoas pobres, mas também pessoas que tinham boas condições financeiras. Lembro que morava uma moça que veio do Piauí da família Portela, ela tinha um carro e morava na residência, ela inclusive não era estudante da Federal, fazia Administração na UECE, nós dizíamos que ela era muito metida, ela não se

relacionava bem com a gente. Aos domingos, quando estávamos fazendo o almoço, ela saía para almoçar fora.

Naquela época, não ia comida para as casas durante os finais de semana, essa foi uma conquista que a gente batalhou para conseguir, não havia café da manhã no RU, só almoço e jantar e nós lutamos para conquistar esse direito.

Percebem-se as mudanças ocorridas no âmbito das REUs tanto no que diz respeito a quem realmente tinha direito a essas moradias. Ou seja, pessoas de origem popular e que estejam matriculadas em algum curso da UFC. Como também, as conquistas em relação à alimentação, mais um benefício que deveria ser dado pela universidade, mas que se não fosse a mobilização dos estudantes, talvez não existisse hoje.

Qual era a maior dificuldade existente no âmbito das residências universitárias da UFC?

[...] A maior dificuldade na moradia era a questão de alimentação mesmo, por que muita gente não tinha condições, as bolsas da universidade eram muito poucas, era difícil conseguir bolsa de assistência, então havia uma carência de alimentação, pois tínhamos que comprar. Com relação a doenças era muito difícil quando ficávamos doentes nas residências, dependia apenas dos colegas. Lembro que eu fiquei doente e as colegas me levaram para o hospital São José e lá disseram que era meningite, então me encaminharam para o hospital das Clínicas e fiquei internada por uma semana. Me lembro até do diagnóstico, que era uma virose a esclarecer. Foi um momento muito difícil, faltava assistência para a gente, e se você tivesse enfrentando qualquer tipo de dificuldade emocional, por exemplo, não existia na universidade um psicólogo com quem você pudesse conversar. Então nós conversávamos muito e isso ajudava bastante.

Como você analisa o programa de assistência estudantil da UFC? É claro para você que este é um direito?

[...] Sabíamos que era um direito, mas muitos residentes não cobravam, outros, a grande maioria, achava que o programa de moradia universitária era um favor prestado pela UFC. Era como se o Estado não tivesse essa responsabilidade pelos seus filhos. Muito deles não entendiam esse direito, eram pessoas muito submissas que tinham medo de perder a residência e havia certa ameaça por parte da administração. Mas, muitas pessoas ainda lutavam pelas coisas, como tudo era muito proibido tinha essa constante luta. Quando entrava na residência ninguém lhe saudava com boas vindas, dizendo que você ia ser beneficiado por que tipo de assistência era recebida apenas pelas colegas da residência. Não existia, portanto, uma afetividade, você ganhava residência e tinha que se virar para conseguir o resto. Você só recebia um comunicado para ir à pró-reitoria para saber o que não podia fazer. Não podia ir à residência masculina, não podia levar amigo na casa, pois a residência servia a ditames da época, ou seja, da ditadura. Você tinha uma liberdade vigiada e até os professores da universidade sabiam quem era residente e usavam isso para ameaçar, eu era muito chamada na Pró-Reitoria. Mas, a REU foi uma

escola para a minha vida. Acho que todos deveriam passar pela residência universitária, por que você aprende muito a dar valor as coisas, a respeitar o próximo, a ser solidário, a ter limites. Quando o meu pai morreu, eu morava na residência, todos na casa foram muito solidários comigo.

Ao saírem das REUs as pessoas carregam consigo comportamentos adquiridos no âmbito do convívio com diferentes.

5.1.2 Adelaide Gonçalves – Moradora da REU 2216 de 1978 a 1980

A segunda entrevista foi com professora Adelaide Gonçalves, do Curso de História da Universidade Federal do Ceará, que também morou na residência universitária 2216, no período de 1978 a 1980. Vinda do interior do Ceará da cidade de Tauá-Ce, ela fala daquele período do qual guarda gratas lembranças. A docente na Universidade Federal do Ceará em 1977 no curso de História.

As perguntas foram basicamente as mesmas feitas à professora Virgínia, devido ao objetivo do trabalho. Assim, seguiu-se um roteiro de perguntas abertas.

Quais as lembranças que construiu das REU's?

Respondeu que esse tempo coincide com o início da sua militância no movimento de esquerda social em Fortaleza. Recorda da boa convivência que as residentes mantinham na REU, um ambiente de amizade e solidariedade. Considera aquele momento de sua vida muito rico, em que estava entrando na Universidade, iniciando na militância, começando a trabalhar como professora. A entrevistada fala das boas lembranças que viveu na REU, das várias amizades firmadas naquele ambiente. Lembra da solidariedade que existia entre as moradoras, lembra ainda que quando seus familiares mandavam alimentos, elas dividiam entre si, portanto foi um período de boas lembranças, de boas amizades. Fala também, acerca da memória humana que é muito seletiva.

Que redes sociais foram construídas no âmbito das residências universitárias?

[...] O que se constrói ali é um espaço de solidariedade, camaradagem, amizades diversas. Constroem-se laços mais profundos com as meninas com quem temos maior contato. Existia também o convívio a partir do Restaurante Universitário, na hora do almoço e jantar, aos fins de semana, aquelas que faziam suas refeições. Mas, esses laços não foram construídos apenas nos momentos bons, mas também nos momentos de dificuldades, quando tínhamos problemas de saúde recorriamos às colegas residentes, pois não tínhamos familiares na cidade. Mas, existiam outras formas de amizades, nossos colegas de faculdades, colegas de trabalho, etc. Iam-se

tecendo ali várias teias de amizades e sociabilidade, recebíamos nossos amigos na REU. São várias as formas de amizades tanto de dentro da universidade como de fora. Recebíamos nossos amigos, a presença masculina tinha certo rigor, eles não podiam entrar para a parte dos nossos quartos, existiam regulamentos que não permitiam a entrada de homens para a parte interna da residência.

Percebe-se na fala de ambas as entrevistadas, acontecimentos semelhantes, haja vista que viveram num mesmo período de tempo na residência universitária.

O que você conhece da história da residência universitária UFC?

[...] A criação da residência universitária está ligada a criação da UFC, é uma criação, portanto de 50 anos para cá. A REU é pensada no âmbito de uma política mais geral voltada para uma assistência aos estudantes da Universidade pública. A lembrança que tenho dessas moradias é muito positiva, no entanto é preciso afirmar que esse espaço é, em algumas vezes, entendido internamente às administrações da Universidade, como o lugar do pobre, daqueles que não têm condições materiais para alugar apartamento, dividir pensionatos com outras pessoas. É preciso ter muita atenção para se reconstruir na devida conta essa história dentro das universidades, porque várias pessoas que moram em residência devem ter histórias de privações, de dificuldades materiais internamente a sua vida nas residências. Tentar buscar junto às políticas internas da UFC o que motivou a criação das Residências, que era dotar os estudantes que tinham famílias no interior de um espaço de convivência saudável, salutar em convívio com os colegas; ou em alguma medida esse espaço foi vivido por alguém como espaço de segregação, como espaço de difícil experiência. Algumas residências são frutos legítimos da ocupação por estudantes que saíram de suas cidades no interior em busca de concluir seus estudos. A Universidade tentou criar as condições para albergar esses rapazes e moças que eram sem tetos que estavam cursando a universidade e precisavam concluir seu curso. A universidade deve prover condições dignas para que todos os estudantes que precisam tenham condições de cursá-la.

A entrevistada fala ainda da importância das REUs terem bibliotecas, espaços de convivência, espaço de lazer, todas essas coisas deveriam ser proporcionadas pela instituição. Percebe-se, também a sua preocupação com relação ao convívio entre moradores nas REUs, bem como as melhorias que estas devem passar para oferecer condições dignas aos estudantes para fazerem seus cursos.

Como você vê a relação existente entre os residentes universitários?

[...] Havia certo intercâmbio entre as REUs masculinas e femininas. Um dos espaços que era como se fosse uma extensão das residências era o Restaurante Universitário do Benfica, era para nós residentes um ponto de encontro, já que não havia muito contato em outros locais. Então a hora do almoço e do jantar era o momento em que conversávamos e nos relacionávamos. Eu tinha amigos de outras nacionalidades, travei amizades com pessoas da Nicarágua, do Equador, do Peru, da Bolívia, então foi a primeira vez que travei contato com estudantes de outros países da América Latina. Esta é uma boa memória para mim.

O RU mais uma vez aparece como o local onde são construídas as diversas formas de relacionamento entre os residentes das REUs masculinas e femininas, e entre estudantes de outros estados e de outros países.

Qual é a maior dificuldade existente no âmbito das residências universitárias da UFC?

[...] A saudade talvez seja a lembrança mais difícil que o residente tenha. A saudade da sua família, a saudade do seu lugar, da sua pequena cidade, a saudade do convívio com os seus, um convívio muito mais humanizado, diferente da cidade grande que torna a quase todos nós invisíveis, anônimos, viver na grande cidade, viver às vezes, enfrentando condições materiais adversas. Todos nós ou quase todos éramos bolsistas de algum programa de extensão da Universidade. Existiam tão poucas bolsas de iniciação científica, falava-se tão pouco ainda nas pesquisas acadêmicas, estávamos dando os primeiros passos como bolsistas. Alguns de nós trabalhávamos em comunidades pobres na periferia de Fortaleza. Eu por exemplo, dava aulas à noite em programas de alfabetização de adultos no Pirambu. Deparei-me ali conhecendo o método de alfabetização de Paulo Freire, a pedagogia do oprimido, a educação como prática de libertação. Então no Pirambu travei contato com militantes do movimento popular, do movimento social. Mas as dificuldades eram que, às vezes, nos finais de semana tínhamos tão pouco dinheiro, tínhamos tão pouca condição de acesso ao teatro, ao cinema, tínhamos tão pouca condição de acesso ao que chamamos de bens do espírito. E essa é uma situação muito dramática, pois nós éramos estudantes universitários, e internamente à universidade as Residências não tinham conexão com a Casa Amarela, com outros equipamentos culturais da Universidade, ou seja, eu morava quase vizinho ao Teatro Universitário e frequentava tão pouco o Museu da UFC. Comecei a ter acesso a uma vida cultural mais intensa a partir das relações que fui tecendo com outros colegas na universidade. As dificuldades são essas, de falta de condições financeiras, às vezes, o RU não funcionava, de não ter uma biblioteca, não ter assinatura de um jornal, não ter uma revista não ter acesso ao que chamamos de fruição de bens do espírito.

Assim, a professora fala acerca dos problemas enfrentados na época em que ela era residente, mas que ainda ocorre nos dias atuais, além da saudade que o estudante sente por morar longe da família, ainda enfrenta diversos problemas com relação a dinheiro, a assistência estudantil e com a pouca visibilidade das REUs como parte da UFC.

Como você analisa o programa de assistência estudantil da UFC? É claro para você que este é um direito seu?

[...] Ponho em questão este tipo de programa de assistência, se essa é a denominação que se dá as palavras, dos conceitos e das políticas que são forçadas. Se é uma ideia de assistência, portanto, já se está vendo o residente como potencialmente pobre, como uma pessoa que não tem condições materiais, então já se elabora uma política que pode ser de inclusão, mas pode também ser de segregação, pode também ser de discriminação dentro da universidade. Não me lembro, no período em que estive na residência, da visita de um Pró-Reitor ou do Reitor na residência, não me lembro de nenhuma programação feita especificamente para os residentes. Então, acho a ideia de assistência equivocada, há que se tratar a residência universitária como um direito e como uma política pública inerente ao ensino superior público no Brasil. A

moradia, a biblioteca, como restaurante, como o cinema, como o teatro, como o museu, como a música são todos de igual importância para que o estudante universitário tenha plena condição de se desenvolver.

Quando você saiu da REU sentiu falta de viver em coletividade?

Ao responder este questionamento a entrevistada fala sobre a importância da socialização e a necessidade que o ser humano tem de estar em contato com pessoas. Assim ela responde:

[...] Sim, mas eu nunca deixei de viver em coletividade, a minha experiência como militante de esquerda, a minha utopia de mundo é de um mundo solidário, fraterno, realizado pelo coletivo. Eu saí da residência para casar, mais sempre vivi em coletividade eu não sou individualista. Então toda a minha experiência de quem veio do interior do Ceará de famílias extensas, de vizinhanças, de solidariedade múltiplas, então a minha vida toda foi, é e será uma vida em coletivo. Eu sou muito partidária do ensinamento daquele grande mestre da poesia, não se pode ser feliz sozinho, a felicidade é gêmea, só se pode ser feliz com outras pessoas, a felicidade é partilha. A felicidade é fruto da troca entre as pessoas.

Após as entrevistas de duas ex moradoras que viveram na REU em décadas passadas, buscou também, entrevistar outros residentes de anos mais recentes e que ainda moram na REU. Este foi um método empregado para que possamos compreender melhor as relações existentes entre gerações diferentes que viveram nas REUs, bem como analisarmos as diferenças de ambos os momentos.

5.1.3 Clenoir da Silva dos Santos, morador da REU 2133 de 2000 a 2006

O entrevistado Clenoir da Silva dos Santos é da cidade de Mombaça no Ceará e morou na REU 2133 no período de 2000 a 2006. Formou-se em Geografia. Ele foi Diretor da residência em que morou por dois anos, contribuindo para a melhoria da mesma.

Como você vê a relação existente entre os residentes universitários?

[...] Varia muito, tem residência que é muito boa a relação, tem outras que gera algumas tensões. Há pessoas que não se dão, por que têm aquelas questões de comportamentos diferentes. Quando é para cumprir as regras da residência nem todos estão aptos a cooperar. É por isso, que é importante antes do residente ingressar mesmo no programa, na moradia, ele passe por aquele seminário que é feito na Pró-reitoria de Assuntos Estudantis. Pois é um momento de esclarecimento para eles, para não chegar na REU, sem saber o que fazer, sem saber como se comportar numa residência universitária, já que é um ambiente coletivo, um

ambiente de estudo, onde você está compartilhando algumas coisas. Mas, você tem a sua individualidade enfim, tem todo um conjunto de regras para que esse estudante possa cumprir e se integrar no grupo, e assim, ter boas relações sociais dentro da residência universitária.

Vemos na fala de Clenoir, mais uma vez, a questão da convivência entre pessoas diferentes, sendo este um dos principais empecilhos mencionados por ex e atuais moradores.

Como você teve conhecimento do Programa de moradia universitário?

[...] Na época não era passada nenhuma informação, a própria Universidade não divulgava no site, não tinha uma divulgação mais ampla, divulgavam o edital apenas no prédio da RRAE e só quem tinha acesso a este órgão ficava sabendo. Eu tive informação do programa através de uma pessoa da escola onde terminei o ensino médio. Um rapaz da coordenação da escola falou para mim que existia o programa de residência. Daí tive o interesse de procurar, fui até a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e tive acesso. Depois fiz a inscrição, fui selecionado e entrei. As informações eram muito fechadas, no interior ninguém sabia, hoje já tem maior divulgação, já que está mais aberto e se encontra no site da própria UFC.

Qual é a maior dificuldade existente no âmbito das residências universitárias da UFC?

[...] A maior dificuldade quando eu cheguei era com relação à estrutura das residências e a alimentação. A alimentação era muito precária e de baixíssima qualidade. Houve uma melhora, é claro que, às vezes, vem algum produto que não é do agrado dos residentes, mas se comparada ao início, quando eu cheguei em 2000, está muito melhor, de lá pra cá mudou muito estruturalmente. Assim, as condições para a gente estudar ficaram melhores, por que é um ambiente mais organizado, você sente mais estímulo.

5.1.4 Ednaldo Pereira Firmiano, morador da REU 2133 de 2004 a 2010.

O entrevistado Ednaldo Pereira Firmiano é estudante de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará, cursando o oitavo semestre. Mora em residência universitária desde que ingressou na UFC em 2004. Para ele a residência universitária é de suma importância para a permanência na universidade e, conseqüentemente, para a conclusão do curso.

Que redes sociais foram construídas no âmbito das residências universitárias?

[...] Consegui muitos amigos e aprendi muitas coisas que servirão para minha vida tanto pessoal quanto profissional.

O atual residente vive numa época totalmente diferente das entrevistadas, anteriores, mas o quesito notadamente frisado pelas primeiras continua na fala de Ednaldo, que é em relação ao rico aprendizado, o qual pode ser proporcionado pelo convívio na REU.

Como você analisa o programa de assistências estudantil da UFC? É claro para você que este é um direito?

[...] Precisa ser dada mais atenção. Alimentação é um ponto que precisa ser melhorado urgente. É preciso ser ampliada o número de vagas e melhorar a estrutura de algumas casas. Dar mais assistência aos moradores, pois além da comida e moradia é preciso recursos para xerox, entre outros. Constantemente o restaurante universitário recebe reclamações contra a comida servida. Os residentes que fazem as três refeições no RU reclamam bastante da comida, que é feita sem muito esmero.

Como você teve conhecimento deste programa e o que isso significa para você?

[...] Tive conhecimento do programa de residência através do PRECE, o programa que proporcionou o meu ingresso na universidade, através do cursinho preparatório para o vestibular . O programa de moradia universitária significa muito para mim, pois sem este eu não estaria cursando uma faculdade, pois meus pais não têm condições de pagarem despesas com alimentação e aluguel em Fortaleza. O programa também foi importante na aquisição de bolsa para mim, pois durante três anos fui diretor da residência universitária na qual moro, sendo remunerado com uma bolsa de assistência.

Na fala de Ednaldo comprova-se o real valor do Programa de Moradia Universitário na vida de muitos que querem realizar o sonho de concluir o ensino superior.

Comparando a forma de pensamento entre ex-residentes e atuais podemos ver claramente as mudanças com relação à PRAE e com os residentes, em que de uns tempos para cá houve mais abertura para diálogo entre ambos.

Como se dava o sistema de comunicação e informação entre residentes e a Pró-Retoria de Assuntos Estudantis da UFC?

[...] Durante os meus primeiros três anos de residência foram muito difíceis, pois convivi com isso mais de perto, visto que sou diretor de uma das casas. Até um ano atrás era muito difícil tal relação, conseguir melhorias para as casas era quase impossível. Para conversar com a administração superior era preciso ir em grupo, pois uma só pessoa geralmente não era ouvida. Atualmente, tal relação melhorou muito, somos recebidos muito bem, mesmo nossos pedidos não sendo solucionados de imediato.

5.1.5 Lúcia de F. de Sousa Gomes – Residente da REU 2216 de 2004 a 2009

A entrevistada Lúcia de Sousa Gomes morou na REU 2216 por um período de cinco anos e meio, formou-se em Pedagogia e recentemente deixou a casa. Ela fala da sensação de sair da residência que por tanto tempo foi a sua referência de “lar”:

[...] O momento de saída me causou um sentimento de impotência, de medo e de solidão. Quando saímos de casa, da casa de nossos pais, também sentimos coisa parecida, no entanto, tem um diferencial: o ingresso na universidade. Quando saímos da REU, já formados, longe de nossa “nova casa”, agora nossa “família”, é mais complicado.

Ela, em seu depoimento, relata o que sentiu em ter que deixar a REU. Cada pessoa reage de uma maneira, para ela foi um momento difícil. A sua reação explica-se pelo fato de além de ter que perder todos os benefícios de ser residente, como moradia, alimentação, dentre outros, ela ainda tem o sentimento de perda ou afastamento das amizades travadas dentro da REU, o que é percebido quando se refere à REU como uma “família”.

Outro questionamento feito à Lúcia Gomes foi sobre a importância do programa de moradia universitário para a sua formação acadêmica:

[...] O programa de moradia universitário possibilitou para mim, uma oportunidade de me manter na universidade, apesar de todas as limitações. Considero que se não houvesse esse Programa dificilmente conseguiria ter me mantido na Universidade e concluído o curso.

5.1.6 Shirlene da Silva Castro – Residente da REU Júlia Pinto desde 2008

Shirlene Castro é aluna do 4º semestre do Curso de Geografia, membro do COREU – Conselho dos Residentes Universitários foi a sexta pessoa entrevistada para a realização da pesquisa. Morando a quase dois anos na REU Júlia Pinto, ela fala dos seus anseios e expectativas dentro do Programa de Moradia Universitária.

O que a residência universitária representa para você?

[...] A REU para mim é a minha primeira casa, a casa da independência, pois você está saindo da casa dos pais e está começando uma nova vida, onde você é quem gere esta nova vida. Então, para o nosso crescimento pessoal isto é muito importante. E se a REU não existisse muitas vivências seriam perdidas, pois ou você não faria o curso ou viria morar com parentes, e todo mundo sabe que morar com parentes não é legal. Seria mais repressivo do que estar em casa. Então a REU simboliza uma liberdade, novos aprendizados, e esta liberdade gera responsabilidades, pois você tem responsabilidades com a Universidade, com os horários a cumprir.

Como foi para você se adaptar a viver com pessoas que não conhecia?

[...] Levou tempo para eu me adaptar e entender que tudo que existe lá, que é coletivo, eu podia usar, que é minha casa também, eu me senti meio retraída. Mas isso passou porque criou-se um clima dentro da casa para fazer com que as novatas se sentissem bem. Na época, a Auriane e Alexandra que estavam na diretoria e fizeram um sorteio para as meninas que já estavam “apadrinhar” as meninas novatas, e elas ficavam responsáveis de inteirar a novata de tudo que acontece na casa, da rotina da casa. Então, elas foram bastante receptivas, mas vai depender muita das pessoas que moram na REU, é de geração, é de época. As meninas contam que já foi muito diferente, com elas mesmas aconteceu diferente, em vez de uma recepção calorosa tinha mesmo era um “terrorismo”, por isso elas pensaram em fazer diferente com a gente que estava entrando.

Ela fala ainda sobre a relação existente entre a administração da PRAE e os residentes, em seu depoimento podemos perceber a mudança positiva quanto este ponto:

[...] A relação que temos com a Clarice hoje, a Pró-Reitora, é um canal de diálogo muito bom. Com o dinheiro que entrou a gente teria conseguido tanta coisa, por que é só lutar, ir atrás que dá certo. Por que ela não vai chegar para nós perguntando se queremos uma comida melhor, se queremos que aumente o valor da bolsa, ela não vai fazer isso, pois o cargo dela exige que quanto menos gastar melhor será a sua gestão, e quanto menos a gente reclamar melhor. Sendo que tem dinheiro para ser gasto com assistência estudantil, pois nos outros Estados têm porque aqui não teria, é a mesma quantia para todas as Universidades, é a mesma rubrica, 12% de todo o dinheiro que vai para a Universidade é destinado à Assistência Estudantil. No próximo Encontro Nacional de Casas de Estudantes Universitários a gente vai começar uma campanha para que suba para 20%. E ainda tem o dinheiro do REUNI que é o dinheiro que está sendo usado para a reforma das residências e para a construção da nova REU.

Outro ponto relevante na fala de Shirlene é acerca da identidade, da importância dos residentes se reconhecerem como tal:

[...] Quando estive no encontro Nacional de Residentes em Natal teve uma mesa redonda com o tema: *A busca da identidade para construção de um movimento mais atuante*. Esta teve a intenção de discutir um pouco a questão da identidade, pois as pessoas não querem ser conhecidas como residentes. Tem gente que tem vergonha de dizer que é residente, pois têm medo de serem taxados de pobres. Mas eu acho que deveria ser diferente. Eu por exemplo, trago os meus colegas de curso aqui na casa e eles gostam muito. Nós como residentes temos que ter essa identidade de residente e falar para pessoas. Meus colegas de curso adoram a residência, porque a gente fala para eles. Eles acharam linda a casa! Falta levar informações para as pessoas sobre o que é a residência. Muitas pessoas têm uma visão errada da residência por que não as conhecem.

Assim, concluímos as entrevistas com depoimentos de pessoas que estão vivenciando acontecimentos recentes ocorridos no âmbito do programa de moradia da UFC. Pudemos perceber ainda, as mudanças ocorridas no decorrer desses cinquenta anos de existência das residências, bem como analisar as vivências através dos depoimentos gerados a partir das lembranças dos entrevistados, reafirmando a importância da história oral para a preservação da memória das REUs.

6 CONCLUSÃO

Esta monografia teve como um dos objetivos recontar e reconstituir a história das residências universitárias da Universidade Federal do Ceará, desde o seu surgimento, por volta dos anos 60, até os dias atuais.

A pesquisa fundamentou-se nos estudos sobre história oral e memória coletiva e individual, visto que foi através das entrevistas realizadas com ex e atuais moradores das REUs que se pôde construir essas lembranças.

Com o recorte sobre a memória do movimento estudantil no Brasil pudemos conhecer ou relembrar as lutas dos estudantes travadas contra a polícia durante a ditadura militar. Ao analisarmos esse período da história do país, nos deparamos com a repressão da polícia contra o desejo da juventude por um país mais justo. E era esse desejo por justiça e liberdade que movia os estudantes levando muitos a sofrerem torturas, exílios e alguns a perderem suas vidas.

Vale ressaltar que o contexto político da época no mundo, as revoluções cubana e chinesa, a influência de vários pensadores como Karl Marx e revolucionários como Ernesto Che Guevara, somados à supressão dos direitos civis e à questão econômica foram fatores que motivaram os sonhos juvenis por um Brasil melhor. A juventude de 68 pensava em interesses sociais e coletivos na construção de um mundo mais justo, fraterno e humano.

No Ceará, o movimento estudantil também foi bastante atuante na época da ditadura militar. Segundo fontes bibliográficas, os estudantes faziam mobilizações para todas as eleições que havia na universidade, inclusive para as direções das residências. As passeatas de estudantes organizadas em Fortaleza mobilizavam cerca de cinco mil pessoas. Caso fosse preso um estudante, iam mil para a porta da delegacia. Existia, portanto, um movimento unido e coeso, em que estudantes de diferentes instituições como UFC e UECE e estudantes secundaristas se identificavam como do mesmo grupo e juntos lutavam por seus direitos. Havia sensibilização pelo problema do outro.

Os movimentos estudantis e de residentes foram os responsáveis pela conquista de muitas das residências universitárias conhecidas atualmente. Além desta conquista, diversas mobilizações foram feitas para garantir melhorias para essas moradias no decorrer desses 50 anos desde o seu surgimento.

No Ceará, com o enfraquecimento do ME, o cenário de lutas e vitórias deu espaço a uma fase de passividade e omissão de grande parte dos estudantes. Para dona Raimundinha, assistente social da UFC que trabalhou diretamente com os residentes nos anos 60, um dos

motivos que levou ao enfraquecimento do movimento estudantil foi a reforma universitária de 1968, na qual foi instituído o sistema de créditos, estabelecida estrategicamente para desenturmar os estudantes. Assim sendo, esta foi mais uma “herança” deixada pela ditadura militar: a desagregação do espírito universitário. Na entrevista, dona Raimundinha ao ser questionada sobre as diferenças entre movimento estudantil de antes e o de agora, responde com a seguinte pergunta: *e existe movimento estudantil hoje?* A indagação tem seu fundamento, ao passo que as diferenças do ME de hoje para o que ela conheceu são enormes. Segundo alguns críticos, outro ponto que pode ser a causa para o enfraquecimento do ME diz respeito à partidização do mesmo, em que muitos estudantes estão com interesses pessoais, levantando a bandeira de partido A ou B.

Com efeito, nos depoimentos de antigos moradores, percebe-se que as dificuldades eram maiores, porém não era motivo para acomodação. Outro ponto que fica bastante claro na fala dos ex-residentes era o espírito de solidariedade e união, que fazia com que os estudantes fossem mais ligados entre si e se identificassem uns com os outros.

Já com depoimentos de moradores atuais, conclui-se que os problemas ainda persistem e as reivindicações também, porém são mais direcionadas aos órgãos competentes, no caso a PRAE ou a própria Reitoria, se for o caso. Percebe-se ainda, que os grupos estão menos coesos, apesar de vivermos na sociedade da informação e da comunicação, a idéia que passa é que estes grupos não usam toda a gama de meios de comunicação a seu favor. Em função disso o ME torna-se mais fragmentado.

Contudo, vale ressaltar que a omissão e a passividade dos estudantes em lutar pelos objetivos dessa classe é fruto de uma sociedade capitalista que introduz nas pessoas o desejo de vitória pessoal, de satisfação individual, um pensamento muito importante até certo ponto, mas que ao ser analisado mais profundamente, encontramos uma geração sem sonhos coletivos.

Atualmente, no Ceará, o ME ainda é bastante atuante, mas como já foi dito é mais fragmentado, centralizando-se apenas nas instituições como UFC e UECE. Não há, porém, aquela preocupação de antes. Os estudantes da casa de estudantes passam por diversos problemas financeiros e de relações com a Prefeitura de Fortaleza, a qual tem por obrigação de manter a casa, mas não cumpre com a responsabilidade. Apesar das diversas manifestações realizadas pelos moradores da casa indo até a imprensa expor o problema para a sociedade, o fato é que nada é feito. Não há a mínima identificação com o problema do outro.

Com relação às REUs devemos considerá-las de suma importância para a formação profissional de pessoas de renda financeira menos favorável. Em entrevista dada a Revista

Universidade Pública, em 2008, os residentes ao serem interrogados como seria se os mesmos não tivessem conseguido residência universitária, em unanimidade a resposta foi uma só: não seria! Ou seja, se a universidade não proporcionasse residência universitária muitos não teriam a mínima condição de fazerem um curso superior.

Esta pesquisa veio confirmar ainda mais a importância da assistência estudantil dentro da universidade, especialmente o Programa de Moradia Universitária, que durante todos esses anos já assistiu milhares de pessoas vindos do interior do Ceará ou de outros estados, e até países. Sem este apoio muitos estudantes teriam desistido no meio do caminho ou se quer teriam chegado à Universidade. Alguns dos residentes gostariam de fazer cursos oferecidos pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), mas como esta universidade não possui moradia universitária, torna-se muito difícil para eles.

Pôde-se comprovar também que, a grande maioria dos residentes são estudantes dedicados, pois não existem grandes índices de reprovação, muito menos de desistência. Ao entrar na REU o residente tem um limite de tempo para permanecer no programa, que é o período do seu curso mais seis meses para o caso de atrasar algum semestre. Desta forma, o aluno vê-se obrigado a cumprir corretamente as disciplinas do curso para terminar no tempo certo, visto que ele tem o tempo marcado de sair da casa. Isso pode soar como pressão, mas é algo necessário, pois suscita no estudante mais responsabilidade e disciplina. Além disso, a convivência entre estudantes influencia positivamente nos estudos. Uma vez que ao ver o companheiro estudando, o residente motiva-se para fazer o mesmo. Neste ambiente acontece também, embora em menor escala, o estudo cooperativo, que é o método de aprendizagem no qual a pessoa que sabe um pouco mais sobre determinada disciplina auxilia o colega numa atitude de mútua reciprocidade, havendo assim uma troca de conhecimento.

Deve-se frisar ainda que esta universidade está formando cidadãos conscientes e responsáveis, e estes estão retribuindo, dando um retorno à sociedade, visto que são profissionais íntegros, responsáveis e respeitados.

Desta maneira, percebemos o importante papel social desempenhado pela UFC através da assistência estudantil, prestada a estudantes oriundos da família de baixo poder aquisitivo. No meu caso, sem essa assistência prestada pela UFC, dificilmente eu teria conseguido chegar à conclusão do curso, pois sou filha de pequenos agricultores do município de Paraipaba – Ce, situada a cerca de 90 km de Fortaleza – Ce. Desse modo, meus pais não teriam condições de me manter em Fortaleza para eu cursar uma faculdade. Assim como eu, muitas outras pessoas passaram ou estão passando por situação parecida e precisam desta assistência.

Todavia, não significa dizer que o auxílio prestado pela UFC não precise melhorar, pelo contrário, as Residências Universitárias necessitam de Internet para os estudantes realizarem suas pesquisas acadêmicas, bibliotecas nas casas e principalmente, salas que dêem condições de estudo coletivo e individual, assinatura de jornal para cada REU, sala de jogos, etc, todos esses benefícios devem ser oferecidos pela Universidade, ou seja, devem estar incluso no Programa de Moradia Universitária para que os moradores tenham melhor qualidade de vida, o que irá repercutir num melhor rendimento acadêmico, principal objetivo destes estudantes. Além disso, o programa de moradia universitária precisa de ampliação de vagas para assistir todos que necessitam deste auxílio, e, também, há a necessidade de divulgação, pois muitos não tentam o vestibular na UFC porque não sabem da existência das moradias universitárias.

Portanto, os alunos, sejam residentes ou não, necessitam de bibliotecas com livros atualizados, para evitar as constantes idas às copiadoras, algo que o estudante vê-se obrigado a fazer por falta de recurso para adquiri-los. Precisam de alimentação de qualidade servida no Restaurante Universitário; precisam também de mais bolsas de iniciação acadêmica para, dessa forma, terem condições de permanência num curso de ensino superior e de qualidade.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Historia oral: a experiência do CPDOC**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2007.

ALBUQUERQUE, Manoel Coelho. *et al.* **Trabalho Acadêmico: Residências Universitárias: “Brasil, mostra tuas casas”**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará - UFC, 1991.

BELLO, José Luiz de Paiva. **Metodologia Científica**. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/met04.htm>>. Acesso em: 23 nov. 2007.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, c.1995.

_____. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004. 219 p.

CAMPOS, Nélon Luís Bezerra. **História do Ceará no vestibular**. Fortaleza: Smile Editorial, 2008.

CAVALCANTE, Lídia Eugênia; VASCONCELOS, José Gerardo; UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Os Herdeiros da memória: o “Lar de Todos” e a história social da educação cristã no Pirambu - Ceará (anos 1950 e 1960)**. Fortaleza (CE), 2003. 275f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza (CE), 2003.

CAVALCANTE, Lídia Eugênia. **Para onde sopram os ventos: Pirambu memória e identidade social**. Rio de Janeiro, 2000. 207f. Dissertação (Mestrado, 2000). Universidade Federal Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

CHAUÍ, Marilena de Sousa. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 1999.

FEITOSA, Luiz Tadeu. **O poço da draga: a favela e a biblioteca**. São Paulo: Annablume; 1998. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desportos, 208p. (Coleção outros diálogos).

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. 2 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

IPHAN. **Os bens culturais imateriais no mundo**: breve relato sobre a reflexão do tema. Disponível em:

<http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Patrimonio_Imaterial/Salvuarda/SalvuardaPatrimonioImaterial.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2009.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4. ed. Campinas (SP): Ed. da Unicamp, 1996.

MADEIRA, Raimundo. A lição do mandacaru. In: _____. **Revista Universidade Pública**, Fortaleza (CE): UFC, ano 8, n. 43, p. 14 - 23, maio/ jun. 2008.

MARTINS FILHO, Antonio. **O outro lado da história**. Fortaleza: Edições UFC, 1983.

MELO, Ana Cristina *et. al.* **Normas para apresentação de trabalhos acadêmicos da Universidade Federal do Ceará**. Disponível em:

<http://www.biblioteca.ufc.br/PDFS/guiaNORMALIZACAO_UFC.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2009.

MEMÓRIA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL. Disponível em: <<http://www.mme.org.br/>>. Acesso em: 23 nov. 2009.

MEMÓRIAS REVELADAS. Disponível em:

<<http://www.memoriasreveladas.arquivonacional.gov.br/campanha/>>. Acesso em: 23 nov. 2009.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. A crise da memória, história e documento: reflexões para um tempo de transformações. In: _____. **Arquivos, Patrimônios e Memória**: trajetórias e perspectivas. São Paulo: UNESP; FAPESP, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 4.ed. São Paulo/ Rio de Janeiro: Hucitec/ Abrasco, 1996.

MUSEU DE ARTE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Memorial Fotográfico da UFC**. Disponível em: <<http://www.mauc.ufc.br/cgi-bin/acervo/memorial/memorial.cgi>>. Acesso em: 23 nov. 2009.

PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/>>. Acesso em: 23 nov. 2009.

PEDAGOGIA COLABORATIVA. **Constituição Federativa do Brasil**. Disponível em: <http://pedagogia.incubadora.fapesp.br/portal/DISCIPLINAS%20-%20Elie%20Ghanem/CONSTITUI_c3_87_c3_83ODaRep_c3_bablicaFederativaDoBrasil1988Artigos205206E208LIC01GDOCGt>. Acesso em: 23 nov. 2009.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 1989, v. 2, n. 3, p. 3-15. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/asp/dsp_edicao.asp?cd_edi=15> Acesso em: 15 out. 2007.

PRO-PEITORIA DE ASSUNTOS ESTUDANTIS. Disponível em: <<http://www.prae.ufc.br/residuniv.html>>. Acesso em: 20 set. 2007.

A VOLTA do Movimento Estudantil. **REVISTA ISTO É**. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoe/edicoes/2007/sumario.htm>>. Acesso em: 23 nov. 2009.

THOMPSON, Paul Richard. **A voz do passado: história oral**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VIDIGAL, L. **Os testemunhos orais na escola História oral e projectos pedagógicos**. Lisboa: Edições Asa, 1996.

VIANNA, Letícia. **Patrimônio Imaterial: novas leis para preservar – o quê?**. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Patrimonio_Imaterial/Patrimonio_Imaterial_Novas_Leis/CNF_CP_PatrimonioImaterialLeis_LeticiaVianna.pdf> Acesso em: 23 nov. 2009.

APÊNDICE

Fotos das Residências Universitárias da UFC:



REU Júlia Pinto, Rua Manoelito Moreira, 25.



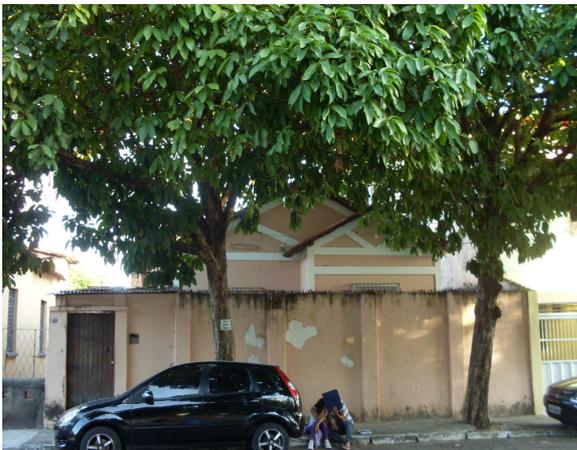
REU 125, Rua Paulino Nogueira, 125.



REU Bérqson Gurjão, Rua Waldery Uchôa, 140.



REU Waldec Capibaribe, Rua dos Remédios, 250.



REU Bárbara de Alencar, Rua dos Remédios, 250.



REU Anita Garibaldi, Avenida Carapinima, 1645.



REU 1601, Avenida Carapinima, 1601.



REU Honestino Guimarães, Av. Carapinima, 1651.



REU Dom Hélder Câmara, Av. Carapinima, 1655.



REU Teotônio Vilela, Av. da Carapinima, 1665.



REU Geraldo Vandré, Av. da Universidade, 2133.



REU 2142, Av. da Universidade 2142.



REU Convento, Avenida da Universidade, 2216.



REU Castelo, Av. da Universidade, 2635



REU "Nova", Rua Major Facundo, 2247.



Algumas Residentes da REU 2216, em 2009.



Residentes no jantar no Restaurante Universitário da UFC.